

O Egoísmo como Virtude

Larisse Marks

O Egoísmo como Virtude

Um estudo da vida e obra de Ayn Rand

Porto Alegre
2014

Φ editora fi

Direção editorial, diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni
Imagem da capa: Photo by New York Times Co./Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MARKS, Larisse

O Egoísmo como Virtude, um estudo da vida e obra de Ayn Rand
[recurso eletrônico] / Larisse Marks -- Porto Alegre, RS: Editora Fi,
2014.

74 p.

ISBN - 978-85-66923-27-8

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Ayn Rand. 2. Objetivismo. 3. Ética. 4. Egoísmo. 5. Sociedade I.
Título.

CDD-170

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética 170

A todos aqueles que me incentivaram e que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, dedico o meu reconhecimento e gratidão.

RESUMO

Esta obra tem como objetivo apresentar a vida e a obra da filósofa russa-americana Ayn Rand. A realização deste estudo foi impulsionada pela proximidade do tema central dos romances da autora com a nossa atualidade, como o seu mais famoso livro: *Atlas Shrugged*. Nesse, a autora faz uma análise crítica sobre a forma como os políticos e empresários inescrupulosos atuam, como eles se beneficiam de sua influência e de seus relacionamentos com os agentes do poder, fazendo com que sejam aprovadas leis que lhes são altamente vantajosas. Outro assunto bastante abordado é o uso do altruísmo como um mecanismo de ganho fácil. Indivíduos que ambicionam uma vida sem empenho recorrem ao paternalismo para viver às custas dos capazes e do governo; comportamentos que, infelizmente, são recorrentes em nosso país. A partir da exposição da filosofia produzida por Ayn Rand, o Objetivismo, pode-se pensar a respeito da conduta do povo brasileiro a fim de advertir possíveis dificuldades. A ética Objetivista fornece um importante debate entre o egoísmo e o altruísmo. A visão de egoísmo da filósofa é diferente do significado dado pelo uso popular – que o trata como uma busca intransigente, cega e injusta visando acúmulo de riquezas e/ou poder, independente de merecimento. Para ela, é a busca pelo justo reconhecimento e valorização da evolução produtiva do indivíduo mais capaz, sendo este o sentimento essencial para uma sociedade saudável e bem-sucedida. Neste sentido, a discussão se dá pelo questionamento do porquê que os menos capacitados devem viver às custas dos esforços dos mais capazes e as implicações desta situação.

Palavras-chave: Ayn Rand. Objetivismo. Ética. Egoísmo. Sociedade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	VIDA E OBRA	16
2.1	Vida	16
2.1.1	Contexto Histórico.....	17
2.1.2	Família.....	19
2.1.3	Religião.....	21
2.1.4	Idade Escolar.....	22
2.1.5	Idade Adulta.....	24
2.2	Obra	31
2.2.1	Obras de Ficção.....	31
2.2.1.1	Atlas Shrugged.....	33
2.2.1.2	The Fountainhead.....	34
2.2.1.3	Anthem.....	35
2.2.1.4	We the Living.....	36
2.2.2	Obras de Não Ficção.....	37
3	A VIRTUDE DO EGOÍSMO	40
3.1	A Compreensão de Egoísmo	41
3.2	Por que Objetivismo?	45
3.3	A Ética Objetivista	49
3.4	O Atual Movimento Objetivista	68
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	74

O Egoísmo como Virtude

Um estudo da vida e obra de Ayn Rand

1

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como finalidade elucidar os fundamentos do Objetivismo bem como apresentar a filósofa idealizadora desse movimento, Ayn Rand. Devido ao pouco material encontrado em nosso idioma, creio que o tema deste trabalho se justifica pelo desconhecimento da autora em nosso país. Em contrapartida, nos Estados Unidos, a leitura de um de seus romances perde apenas para a Bíblia.

A escolha de explorar essa corrente filosófica surgiu a partir da leitura do livro mais famoso de Ayn Rand, o então chamado *Atlas Shrugged*, no Brasil chama-se “A Revolta de Atlas”. Apesar de ser uma obra fictícia, ela é uma lição inspiradora para aqueles que acreditam no poder das ideias, da inovação e do trabalho como meio para atingir os seus objetivos. A busca permanente pelo êxito pessoal e profissional é mostrada como uma virtude.

Nessa mesma obra, a autora faz uma análise crítica sobre a forma como os políticos e empresários inescrupulosos atuam, como eles se beneficiam de sua influência e de seus relacionamentos com os agentes do

poder, fazendo com que sejam aprovadas leis que lhes são altamente vantajosas. Outro assunto bastante abordado é o uso do altruísmo como um mecanismo de ganho fácil. Indivíduos que ambicionam uma vida sem empenho recorrem ao paternalismo para viver às custas dos capazes e do governo. Comportamentos que, infelizmente, são recorrentes em nosso país.

Embora o livro tenha sido publicado na década de 50, a relação existente entre a narrativa e o momento político, econômico e social é muito próxima. As poucas referências temporais oferecidas por Ayn Rand, não permitem situar a estória em um período cronológico específico. Alguns críticos creem que o contexto econômico e político criado pela autora remonta à Crise de 1929, outros não hesitam em afirmar que Ayn Rand anteviu algumas situações que já se aproximavam na metade do século passado. Não foi à toa que a revista *The Economist* e o jornal *The New York Times* noticiaram que as vendas de “A Revolta de Atlas” aumentaram desde a Grande Recessão em 2007.

A realização deste estudo foi impulsionada pela proximidade do tema central dos romances da autora com a nossa atualidade. A partir da exposição da filosofia produzida por Ayn Rand, o Objetivismo, pode-se pensar a respeito da conduta do povo brasileiro a fim de advertir possíveis dificuldades.

Como citado anteriormente, a falta de bibliografia em português restringiu a quantidade de informações consultadas. O livro mais utilizado e pertencente a filósofa foi o mesmo que inspirou o título desse trabalho: “A Virtude do Egoísmo”. Houve outras fontes da autora e sobre a autora através de comentadores e biógrafos americanos.

No primeiro capítulo, a vida e a obra de Ayn Rand é descrita. Por ser uma filósofa pouco conhecida, a sua vida é apresentada em cinco subcapítulos. Inicia com o contexto histórico durante o seu nascimento, passando pela sua relação com a família e com a religião, as primeiras

evidências de sua paixão pela escrita até a fase em que a romancista torna-se filósofa. Quanto as suas obras, há a divisão de ficção e não ficção para um melhor entendimento de sua evolução natural da literatura para a filosofia.

O segundo capítulo compreende os embasamentos que compõem a filosofia do Objetivismo. Possui a explicação da percepção de Ayn Rand sobre o egoísmo, a metafísica, a teoria do conhecimento, a natureza humana, a ética, a política e o porquê do nome Objetivismo. A ética Objetivista foi o tópico mais destacado nesse estudo, pois Rand é mais conhecida por seu realismo objetivo. A condição do atual movimento Objetivista também é abordada nesse capítulo.

Espero que a leitura desse estudo seja tão interessante como foi o seu desenvolvimento. E que possibilite a reflexão sobre uma sociedade que só fala no bem comum e na igualdade entre as pessoas.

2

VIDA E OBRA

Ayn Rand é melhor compreendida quando conhecemos a sua história de vida. As suas experiências no decorrer da infância corroboraram para uma visão de mundo centrada na razão. Nos seus romances surgiram princípios filosóficos que resultaram num movimento que impactou a cultura americana. Neste capítulo, percebemos o curso que a sua vida tomou e os produtos que dele derivou.

2.1 Vida

A vida da filósofa é apresentada em cinco subcapítulos. O primeiro contextualiza o nascimento de Ayn Rand na história. O segundo expõe detalhes sobre a sua família e o seu vínculo com ela; recordações que influenciariam toda a sua obra. O terceiro conta a relação de Rand com a religião. No quarto, que se atém a sua idade escolar, surgem as primeiras evidências de sua paixão pela

escrita. E, por último, o quinto subcapítulo trata da sua idade adulta; fase em que a romancista torna-se filósofa.

2.1.1 Contexto Histórico

Ayn Rand, na verdade, chamava-se Alissa Zinovievna Rosenbaum. Ela era uma judia russa nascida no dia 02 de fevereiro de 1905, em São Petersburgo, então capital do país mais antissemita e politicamente dividido do continente europeu. Três semanas anteriores ao seu nascimento, ocorreu a breve, mas sangrenta, Revolução de 1905.

A revolta foi organizada como uma manifestação pacífica e em marcha lenta de um milhão e meio de pessoas, liderada pelo padre ortodoxo Gapon, com destino ao Palácio de Inverno do czar Nicholas II. Eles tinham como objetivo entregar uma petição, assinada por cerca de 140 mil trabalhadores, reivindicando direitos ao povo como: reforma agrária, tolerância religiosa, fim da censura, presença de representantes do povo no governo e melhores condições de vida e trabalho.

No decorrer da caminhada eram cantadas músicas religiosas e a canção nacional “Deus salve o czar”. A cavalaria do czar abriu fogo contra os manifestantes; dentre eles estavam estudantes, operários, suas esposas e filhos. Ainda, na biografia elaborada por Anne C. Heller (2009), é mencionado que muitos morreram enquanto rezavam. A chacina deu origem a dias tumultuados por toda a cidade e preparou o terreno para a Revolução Bolchevique, de outubro de 1917, a qual resultaria em um golpe que abalaria, tanto o mundo como a visão dele para Ayn Rand.

Durante a Primeira Guerra Mundial, à medida que a economia se deteriorava e a repressão do czar aumentava, o peso da ira popular caía em cima de cinco milhões de judeus russos. Na corte do czar Nicholas II, como no resto da Europa, os judeus foram identificados como “culpados”

pela economia monetária, urbanização, industrialização e pelo capitalismo. Devido ao tradicional medo russo de modernidade e feroz antissemitismo, os judeus eram bodes expiatórios para o czar, para os proprietários de terras e para a polícia.

Para os judeus de fora da capital, este período trouxe a pior onda de violência antissemita desde a Idade Média. No outono de 1905, quando Rand não tinha nem um ano de idade, houve 690 pogroms anti-judaicos e três mil judeus assassinados. Pogrom é um ataque violento maciço a pessoas com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos de violência em massa. Pode ser espontâneo ou premeditado, contra judeus, protestantes, eslavos e outras minorias étnicas da Europa, porém é aplicável a outros casos que envolvam países e povos do mundo inteiro.

Em um pogrom em Odessa, na Criméia, para onde Rand e sua família se mudariam em 1918, oitocentos judeus foram mortos e cem mil ficaram desabrigados. São Petersburgo era relativamente seguro de pogroms, uma das razões dos Rosenbaums terem migrado para lá, mas a cidade tinha as suas próprias formas complicadas de oficializar o antissemitismo. Em 1914, os estatutos que circunscreviam as atividades judaicas aumentaram para cerca de mil páginas, e qualquer coisa que não tivesse sido expressamente autorizada era crime.

Por décadas, os judeus que não possuíssem uma profissão útil para o czar eram impedidos de ir a São Petersburgo. Na maioria dos casos, os judeus não qualificados não poderiam nem mesmo visitar a cidade por uma noite. Por lei, os judeus não eram mais do que dois por cento da população da cidade e os papéis de residência deveriam ser renovados a cada ano. Os judeus, muitas vezes, mudaram os seus nomes para evitar a detecção. Eles e as suas

casas estavam sujeitos a buscas policiais em todos os momentos.

2.1.2 Família

Segundo a biógrafa Anne C. Heller (2009), o pai de Rand, Zelman Wolf Zakharovich Rosenbaum, que nasceu num dos pobres guetos judaicos, trocou diversas vezes o seu nome por Zalman, Zelman e Zinovy. Fora da família, ele era conhecido como Zinovy, seu nome não-judeu. De acordo com Rand, o seu pai não era um homem religioso. Ele tolerava os rituais e as celebrações tendo em mente o provérbio “melhor prevenir do que remediar”.

Zinovy queria ser um escritor, mas acabou escolhendo um caminho mais prático e, em 1899, obteve uma licença em química farmacêutica da Universidade de Varsóvia. Em parte, ele se tornou farmacêutico porque esta era uma das profissões que permitiam a entrada de judeus em São Petersburgo de forma, relativamente, livre. Mas as leis eram inconstantes e criadas para dar a máxima flexibilidade ao czar. Prisão e/ou exílio eram um perigo constante.

Em 1910, ele tornou-se gerente de uma farmácia mais central e maior. A nova loja, chamada Aleksandrovskaja, pertencia a um comerciante luterano alemão rico e profissionalmente distinto chamado Aleksandr Klinge. Zinovy, agora recentemente estabelecido entre a burguesia judaica, mudou-se com sua esposa e filhas para um apartamento grande e confortável no segundo andar, ao lado da farmácia.

Enquanto crescia a impopularidade do regime do czar e os mencheviques e bolcheviques marxistas competiam pela lealdade dos trabalhadores do país, os Rosenbaums prosperaram. Em 1912, o pai de Rand passou a ser o co-proprietário da farmácia de Klinge. Em 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Klinge transferiu a propriedade

da farmácia para Zinovy, provavelmente porque, como as tropas russas avançaram contra o exército alemão a oeste, alguém que carregava um sobrenome alemão corria mais risco do que um judeu nas ruas e escritórios do governo de São Petersburgo. Como a renda de Zinovy cresceu, ele comprou a escritura do prédio que abrigava tanto a loja como o apartamento da família.

A mãe de Rand, Khana Berkovna Kaplan, era uma mulher à moda antiga e conhecida como Anna. Ela foi treinada como dentista, mas parou de praticar após casar-se e dar à luz. Anna teve um lar mais privilegiado que Zinovy. Ela nasceu e criou-se em São Petersburgo, o que era uma vantagem acentuada no final do século XIX e XX, e isso lhe deu um ar de sofisticação que o seu marido não tinha.

Anna também era, amplamente, mais educada e orgulhosa do que o seu marido. Ela lia e falava inglês, francês e alemão. Rand e sua irmã aprenderam a ler e escrever em francês com a governanta belga. Embora a filósofa fizesse bom uso dessas vantagens, na medida em que crescia, via a sua mãe como hipócrita e superficial. Ela acreditava que dar festas era o principal interesse de vida da sua mãe. Também suspeitava de que Anna gostava menos de livros e jogos do que queria aparentar para a sua família e amigos. Anna era uma esposa socialmente ambiciosa e viria incorporar nas novelas da filha personagens superficiais e/ou rancorosos.

Rand era a mais velha das três filhas. Inteligente, independente e solitária desde cedo, Ayn Rand deve ter sido uma criança difícil de criar na primeira década do século XX. Ela respeitava o seu pai e fortemente não gostava da sua mãe. Desde o início, Rand e Anna não se davam bem. A filha via a sua mãe como caprichosa, irritante e uma alpinista social, e estava convencida de que a mãe a reprovava (HELLER, 2009). Anna caracterizava a sua filha mais velha como “difícil”.

Certa vez, sua mãe estava servindo chá, na época e talvez mais como um teste, Rand pediu uma xícara. Sua mãe

recusou-se e disse que crianças não bebem chá. Rand absteve-se de discutir, em vez disso, ela se perguntou: Por que eles não me deixam ter o que eu quero? e fez uma resolução: Algum dia eu vou tê-lo. Ela tinha entre quatro anos e meio a cinco anos de idade.

O controverso sistema filosófico por ela elaborado, quarenta e cinquenta anos depois, foi em sua essência, uma resposta a esta pergunta e a memorização deste projeto. Sua expressão mais famosa foi uma frase que se tornou o título de seu segundo livro de não-ficção, *A Virtude do Egoísmo*, em 1962.

2.1.3 Religião

A primeira lembrança consciente da experiência de Rand com a ideia de Deus ocorreu aos seis anos. Ela e um primo materno decidiram orar por um gatinho branco pertencente a sua avó. O gatinho estava doente e morrendo. O seu primo comentou que se eles orassem sinceramente, Deus ouviria as preces e salvaria o gatinho. Eles se retiraram para um canto da sala e rezaram, mas o gatinho morreu mesmo assim e, embora Rand cresse, em parte, em Deus, não ficou surpresa com a ineficácia da oração, ela realmente não acreditava que funcionaria.

O acontecimento relatado acima é encontrado na biografia escrita por Anne C. Heller (2009). Durante a fase adulta, Ayn Rand – além de ter sido uma atéia convicta – raramente falava sobre a sua ascendência judaica. Quando pequena considerou as observâncias religiosas de sua mãe como parte natural da vida, até que aos treze anos ela tomou uma decisão consciente de se tornar uma descrente.

Mais tarde, no terrível ano de 1918, ela deve ter ouvido muitas vezes a conversa fatalista ortodoxa russa sobre a vontade de Deus e a necessidade de seguir o exemplo de sofrimento de Cristo, o que iria enfurecê-la durante toda a sua vida. Ela decidiu tentar a sorte com o homem, ou seja,

com as suas próprias observações e senso de justiça em vez de apostar numa divindade inescrutável, injusta e opressora.

2.1.4 Idade Escolar

Aos seis anos de idade, Rand aprendeu a ler sozinha. Anna, sua mãe, assinava revistas estrangeiras, incluindo revistas infantis. Rand começou a escrever as suas próprias histórias iniciais a partir da leitura delas. Ela descobriu o seu primeiro herói ficcional em uma revista infantil francesa, captando assim a visão heróica que sustentou por toda a sua vida. Segundo Andrew Bernstein (2009), aos nove anos, Ayn decidiu ser escritora de ficção. Ela queria escrever estórias sobre heróis – sobre homens e mulheres fortes que superaram todo e qualquer obstáculo para atingir objetivos difíceis, porém objetivos muito queridos para eles.

Quando a futura filósofa entrou na escola, ela era uma criança intensamente pensativa, solitária, estranha e inusitada. Ela lembrou-se de estar ciente de que a sua extrema timidez e intensidade violenta afastava as pessoas, mas ela tinha certeza de que tal constrangimento social era apenas uma falha técnica e que as outras pessoas estavam erradas em não entendê-la e apreciá-la.

Confrontos de infância entre Rand e Anna eram muitas vezes focados em sua recusa em brincar com outras crianças e por sua natureza solitária e anti-social. Mas Anna parece ter sido uma mãe cruel também. Ela disse a Rand que nunca desejou ter filhos, que os cuidava apenas por um senso de dever e ressaltou o quanto se sacrificou por eles. Uma vez, Anna ficou com raiva e quebrou a perna de uma boneca que Rand estimava muito.

A grande exceção de Rand, em suas afeições de infância, era o seu pai Zinovy, conhecido na família como ZZ. Zinovy foi, em sua maior parte e em silêncio, imensamente orgulhoso de suas realizações como homem de negócios que atingiu o sucesso. Ele admirava o espírito

orgulhoso de sua filha mais velha e da sua original mente afiada. Ele era um ávido leitor de literatura russa e encorajou os esforços de Rand para escrever as suas primeiras histórias.

Em seu décimo aniversário, Rand estava escrevendo os seus romances em casa e na escola. Aos doze anos de idade, ela terminou quatro romances; cada um deles apresentava uma heroína que tinha exatamente a sua idade. Ela tinha consciência de que essas primeiras histórias eram "só para ela", ou seja, ela não esperava publicar nada até que estivesse crescida. Completamente oposta ao misticismo e coletivismo russo, Rand pensou em si mesma como uma escritora européia, especialmente depois de encontrar Víctor Hugo, o escritor que ela mais admirava.

Nesse mesmo período, durante o ensino médio, Rand foi testemunha da Revolução Kerensky e da Revolução Bolchevique (1917); a qual resultaria no comunismo russo anos mais tarde. A família fugiu para a Criméia em outubro do mesmo ano, cidade onde a futura filósofa terminou os seus estudos. Quando Ayn Rand aprendeu sobre a história americana, em seu último ano de ensino médio, ela imediatamente adotou os Estados Unidos como o seu modelo de nação. A vitória comunista levou ao confisco da farmácia do seu pai e de anos de pobreza extrema para a família Rosenbaum. Foi nesse ambiente volátil e muitas vezes assustador que Rand cresceu.

Apesar dos seus pais tentarem protegê-la do conflito político e étnico ao seu redor durante a infância, a partir da idade de cinco ou seis anos, Ayn Rand assimilou tudo o que se passava, incluindo os preconceitos de vizinhos e portavozes oficiais que tratavam os judeus como feios e sem sentido, na melhor das hipóteses, como seres humanos de segunda classe. Muitas vezes, o pretexto para tal tratamento era que os judeus seriam os empresários gananciosos, industriais raivosos e banqueiros sem escrúpulos que estavam estragando tradições eslavas "puras" da Rússia e que fomentavam a agitação laboral.

Em tais circunstâncias, o amor de Rand pelo empenho do seu pai foi fortemente despertado. Os resultados desses sentimentos seriam vistos em seus romances individualistas, pós-industriais, que mais do que estórias, também eram vistos como uma defesa apaixonada por judeus produtivos e talentosos (HELLER, 2009). Essas estórias ecoariam a trajetória de sua própria vida. Ayn Rand veio sozinha para um país estrangeiro, tinha pouco conhecimento em inglês, dinheiro escasso e, ainda assim, venceu todos os desafios para se tornar uma dos grandes romancistas em língua inglesa.

2.1.5 Idade Adulta

Quando a família retornou da Criméia, Ayn Rand entrou na Universidade de Petrogrado para estudar filosofia e história. Graduando-se em 1924, ela experimentou a desintegração da livre investigação e a aquisição da universidade por bandidos comunistas. Em meio à vida cada vez mais cinza, os seus maiores prazeres eram operetas vienenses, filmes ocidentais e peças de teatro. Cinéfila de longa data, Rand entrou para o Instituto Estadual de Cinema, em 1924, para estudar roteiros. Foi nessa época que, pela primeira vez, ela publicou dois livretos: um sobre a atriz Pola Negri (1925) e outro intitulado *“Hollywood: American Movie City”* (1926), ambos reimpressos em 1999 em *Russian Writings on Hollywood*.

No final de 1925, a filósofa obteve permissão para deixar a Rússia Soviética para visitar os seus parentes nos Estados Unidos. Embora ela dissesse às autoridades soviéticas que a sua visita seria breve, Rand estava determinada a nunca mais voltar para a Rússia. Em fevereiro de 1926, aos vinte e um anos de idade, Ayn Rand chegou à cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, o país que ela amava.

Por aproximadamente os primeiros seis meses que esteve na América, ela viveu com os seus parentes em Chicago. Lá, um de seus parentes era dono de uma sala de cinema, a qual ela visitava quase que diariamente. Nesse tempo, ela trabalhou em seus conhecimentos da língua inglesa, praticando a escrita de roteiros. Ela viveu na América até a sua morte em 1982. Nos Estados Unidos, ela mudou o seu nome para Ayn Rand, provavelmente para proteger a sua família, que ainda vivia na Rússia sob o domínio do ditador brutal, Joseph Stalin (BERNSTEIN, 2009). Ela referia-se a si mesma como Alice, o equivalente inglês de seu nome Alissa.

Pouco tempo depois de chegar à América, ela obteve uma extensão do seu visto e, em seguida, mudou-se para Hollywood para seguir a carreira de roteirista. Ela alugou um quarto no Studio Club, o qual fornecia alojamento para jovens que procuravam atuar na indústria do cinema. (Mais tarde, Marilyn Monroe viveu lá, assim como muitas outras futuras estrelas.) Em seu segundo dia em Hollywood, Cecil B. DeMille, um dos grandes diretores da história do cinema, a viu em pé no portão de seu estúdio e lhe ofereceu uma carona até o set de “King of Kings”, o filme bíblico em que ele estava trabalhando. Atônito por esta jovem mulher de intensos olhos escuros, ele deu a jovem Ayn Rand os seus primeiros empregos na América, primeiro como figurante e mais tarde como revisora de roteiro.

Uma semana depois, enquanto trabalhava como figurante no set de DeMille, ela conheceu o ator e seu futuro marido, Frank O'Connor. A tímida, mas determinada Ayn Rand sentiu-se atraída pelo belo jovem ator, o qual ela mais tarde descreveria como tendo um rosto “ideal”. Durante uma cena, ela fez questão de colocar-se diretamente em seu caminho para que ele tropeçasse em seu pé. Ele se desculpou, o gelo foi quebrado, e, como ela disse anos mais tarde, “o resto é história”. Eles se casaram em 1929 e permaneceram assim por 50 anos, até a morte de O'Connor

em 1979. O seu casamento aconteceu um pouco antes do seu visto expirar e a levou a um dos mais orgulhosos dias da sua vida – quando ela se tornou uma cidadã naturalizada nos EUA, em 1931.

Após DeMille fechar o seu estúdio, Rand trabalhou em diferentes empregos, inclusive no departamento de figurino da RKO Radio Pictures Inc., tornando-se chefe dentro de um ano. Nessa época, ela comprou a sua primeira máquina de escrever portátil e começou a sua carreira de escritora. Durante o seu tempo livre, ela escreveu roteiros e histórias curtas, e começou o seu primeiro romance, *We the Living*, um conto semi-autobiográfico de uma jovem mulher lutando para alcançar seus objetivos pessoais ante os comunistas na União Soviética. Ele foi concluído em 1934, mas foi rejeitado por vários editores até que as empresas Macmillan, dos Estados Unidos, e a Cassells & Co, da Inglaterra, o publicaram em 1936.

Antes da publicação do romance, ela vendeu o seu primeiro roteiro, *Red Pawn*, para a Universal Studios por uma modesta quantia, mas que foi suficiente para ela sair do departamento de figurino e concentrar-se em tempo integral a escrita. Durante a década de 1930, ela escreveu um drama de tribunal, que ficou em cartaz na Broadway durante seis meses, intitulado *Night of January 16th*. A característica mais surpreendente da peça foi o júri composto por voluntários da platéia – dessa maneira a história poderia ter dois diferentes finais, dependendo do veredito do júri.

Durante este período, ela também escreveu o seu romance, *Anthem*, que é geralmente considerado a sua primeira grande obra de ficção. A obra vendeu milhões de cópias e atualmente é largamente lido em escolas americanas. *Anthem* foi publicado na Inglaterra em 1938. Nos Estados Unidos, não foi publicado até depois da Segunda Guerra Mundial, em 1946. Ayn Rand posteriormente afirmou que a oposição intelectual entre os editores americanos para o seu tema pró-individualista, anti-coletivista foi o principal

motivo para a não publicação nos Estados Unidos até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Em 1935, Ayn Rand começou a escrever o livro que iria estabelecer a sua reputação literária e ocasionar a sua popularidade: *The Fountainhead*. Este romance de 700 páginas de ideias levou sete anos para ser concluído. Porém quando ele ficou pronto, Rand estava convencida de que ela tinha um romance sério e divertido – ao mesmo tempo um tema profundo e uma estória emocionante.

Infelizmente para ela, muitos editores não concordaram. Um editor líder, por exemplo, rejeitou o livro alegando que era um romance ruim. Outro o considerou como um alto grau de literatura, mas o recusou porque era muito intelectual e controverso. Em 1941, doze editores rejeitaram *The Fountainhead*. Finalmente, os editores da Bobbs-Merrill Company reconheceram o que Rand acreditava há muito tempo sobre o livro: era um romance sério e divertido que venderia. Eles o publicaram em 1943.

O livro que foi, supostamente, muito intelectual para um sucesso comercial já vendeu, estimando conservadoramente, mais de 6,5 milhões de cópias. Atualmente, *The Fountainhead*, continua vendendo mais de cem mil cópias por ano. Ele alcançou o status de um clássico americano e é estudado amplamente nas escolas secundárias de todo o país. Ayn Rand voltou a Hollywood no final de 1943 para escrever o roteiro de *The Fountainhead*, mas as restrições da guerra atrasaram a produção até 1948.

Trabalhando meio período como roteirista para Hal Wallis Productions, Rand começou a escrever o seu grande romance *Atlas Shrugged*, em abril de 1946. Em 1951, ela se mudou de volta para Nova Iorque e se dedicou em tempo integral para a conclusão de *Atlas Shrugged*. Ela trabalhou nesse livro por muitos anos (inclusive declarou que escreveu cada página, do livro de mil páginas, no mínimo cinco vezes) e finalmente o preparou para publicá-lo em 1957. A ideia principal era levantar a resposta para a pergunta: O que

aconteceria com o mundo se os grandes pensadores – os cientistas, filósofos, escritores, artistas, inventores, empresários e industriais – entrassem em greve? A sua resposta para a pergunta foi que a civilização avançada poderia entrar em colapso.

Rand discutiu a possibilidade de publicação de *Atlas Shrugged* com Bennett Cerf, um dos fundadores da Random House. Ele admirava os seus romances, mas disse a ela, francamente, que achou a sua filosofia política abominável. Ele também propôs a ela uma espécie de desafio filosófico para o seu manuscrito – ela deveria oferecê-lo a vários editores, ver quais as atitudes deles em relação a sua filosofia, bem como essas afetariam os seus esforços promocionais para o livro, e então julgar por si mesma qual ela considerava a melhor editora para isso. A honestidade inesperada de Cerf e o seu discernimento literário encantaram Ayn Rand e eles tornaram-se bons amigos.

Além disso, um dos associados da Cerf, Donald Klopfer, entendeu que o livro propunha a defesa moral do capitalismo e que, necessariamente, estava em oposição a milhares de anos da tradição ética judaico-cristã – e disse a ela. Ela ficou extremamente satisfeita pelo seu entendimento filosófico e respondeu que sim, seria absolutamente isso. Klopfer e Cerf não se intimidaram, apenas ficaram mais interessados no livro. Para Ayn Rand, rapidamente tornou-se claro que a Random House era a editora certa para *Atlas Shrugged*. E assim, em 1957, a colossal editora lançou o seu maior livro.

Os comentários eram geralmente mordazes. Um crítico proeminente o taxou como “um livro notavelmente bobo”, disse que ele poderia ser chamado de romance apenas para “desvalorizar o termo”, queixou-se de que sua estridência não tinha trégua e concluiu que Rand era semelhante aos nazistas – cada página do livro comanda: “Vá para um campo de concentração!”. Um crítico religioso declarou que era “o livro mais imoral e destrutivo que já

tinha lido”, mas levou fé na crença de que as suas 500.000 palavras não poderiam durar muito além da impressão. Um famoso escritor descreveu a sua filosofia como “quase perfeito na sua imoralidade”.

O The New York Times proclamou que o livro foi “escrito pelo ódio”. O The Los Angeles Times – para não ficar atrás – argumentou que seria difícil encontrar tamanha exibição de “excentricidade grotesca fora de um asilo”. O The New Yorker, pelo menos, manteve um senso de humor sobre isso. Comentando sobre uma cena em que a economia americana está tão deprimida com as políticas socialistas que um homem é testemunhado a puxar um arado com as mãos, ele declarou: “Até o cavalo, ao que parece, não pode sobreviver quando os liberais florescem”. Outro crítico espirituoso chamou o livro de 1.000 páginas de “mais longo que a vida e duas vezes mais absurdo”. Ainda outro, não tão espirituoso, comparou *Atlas Shrugged* com o livro de Adolf Hitler, *Mein Kampf*.

E, no entanto, *Atlas Shrugged* fundou um movimento. Um número crescente de intelectuais adeptos a Rand, dentro e fora das universidades, o consagraram como o maior romance já escrito, que o seu enredo brilhante o classificava como uma excelente literatura e que os comentários são manchas não objetivas de escritores que não conseguem distinguir um trabalho extraordinário de arte de um livro que expõem ideias com as quais fortemente discordam.

Atlas Shrugged foi a sua maior conquista e última obra de ficção. Para a organização Ayn Rand Institute, nesse romance, Ayn Rand dramatizou a sua filosofia única em uma estória de mistério intelectual integrado com ética, metafísica, epistemologia, política, economia e sexo. Embora ela se considerasse, sobretudo, uma escritora de ficção, Rand percebeu que para criar os seus personagens heroicos fictícios, havia a necessidade de identificar os princípios filosóficos que fazem essas pessoas possíveis. A partir daí, Ayn Rand escreveu e palestrou sobre a filosofia do

Objetivismo, que ela caracterizou como “uma filosofia para a vida na Terra”. Ela publicou e editou os seus próprios periódicos de 1962 a 1976. Os seus ensaios forneceram grande parte do material que resultou em seis livros sobre o Objetivismo e a sua aplicação na cultura.

Ayn Rand morreu na noite de 06 de março de 1982 em seu apartamento de Nova Iorque. A causa da morte foi insuficiência cardíaca congestiva, ou, como os escritores românticos do século XIX e poetas que tinha amado em sua juventude poderiam ter insinuado, um coração partido. Jornais de todo o mundo anunciaram a sua morte, e a maioria foram respeitosos com as suas realizações. Oitocentos amigos e seguidores lotaram a capela funerária Frank E. Campbell para se despedir. Ela foi enterrada ao lado do homem que amava tanto quanto a sua natureza solitária e revolucionária, em Valhalla, Nova Iorque.

Rand é raramente ensinada nas universidades, apesar disso, novos leitores, a maioria em sua adolescência e juventude, sempre encontraram um caminho para os seus livros. Juntos, *The Fountainhead* e *Atlas Shrugged* têm tipicamente vendido mais de 300.000 cópias por ano, facilmente tornando-os equivalentes a best-sellers. Em 2009, em meio a uma crise financeira americana, maior do que qualquer outra desde a Grande Depressão, *Atlas Shrugged* quase triplicou em vendas. Mais de 13 milhões de cópias dos dois livros são impressos nos Estados Unidos.

Em uma pesquisa de 1991, patrocinada conjuntamente pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e a empresa Book of the Month Club, os americanos disseram que *Atlas Shrugged* é o livro que mais tinha influenciado as suas vidas (perdendo apenas para a Bíblia). Em 1998, quando a editora Modern Library pediu para que os leitores citassem os cem maiores livros do século XX, *Atlas Shrugged* e *The Fountainhead* foram os números um e dois da lista; *Anthem* e *We the Living* foram os números sete e oito, superando *The Great Gatsby*, *The Grapes of Wrath* e *Ulysses*.

A sua defesa do individualismo radical e do egoísmo como uma virtude capitalista conquistou um grande público. Rand lançou um movimento filosófico com um impacto crescente sobre a cultura americana. As revistas Forbes e Fortune, a mencionam regularmente como uma heroína dos jovens empreendedores do Vale do Silício. Após um quarto de século depois de sua morte, a maioria dos seus leitores sabe pouco sobre ela.

2.2 Obra

Ayn Rand, em suas obras, sempre enalteceu o homem e a razão. Neste capítulo, dividido em obras de ficção e não ficção, é possível ver a sua evolução de romancista para filósofa. O primeiro momento apresenta a trajetória de Ayn Rand como escritora; as suas dificuldades e as suas vitórias. Há um pequeno resumo dos romances: *Atlas Shrugged*, *The Fountainhead*, *Anthem* e *We the Living* para a melhor compreensão de seu pensamento. No segundo momento, observamos Ayn Rand desenvolvendo a sua filosofia Objetivista; a qual será examinada no capítulo “A Virtude do Egoísmo”.

2.2.1 Obras de Ficção

Ayn Rand, em seus romances, apresenta e proclama o homem como o herói em potencial. Ela mostra que por meio de uma vida dedicada à razão e uma incansável ação com base nele, os seres humanos podem alcançar grandes realizações, e podem fazê-lo, se necessário, em oposição a poderosas forças sociais. Indivíduos que permanecem dedicados a promover avanços na vida, mesmo nos dentes de antagonistas poderosos podem chegar à grandeza moral ou ao heroísmo. Rand discordava veemente das literaturas e

filmes que apresentavam os seres humanos como anti-heróis patéticos, impotentes por forças sociais, reprimidos por conflitos psicológicos ou de famílias disfuncionais.

Ayn Rand é uma dos autores favoritos e mais instigantes dos Estados Unidos. O seu primeiro romance, *We the Living* (1936), tem como cenário a Rússia Soviética, país do qual ela escapou. Já o seu último romance, *Atlas Shrugged* (1957), situa-se no país em que ela viveu o resto de seus anos e o qual ela amava profundamente, a América. Entre estes, ela escreveu outros dois romances, *Anthem* (1938), classificado como uma distopia do futuro, e *The Fountainhead* (1943), que foi o seu primeiro romance americano e o seu primeiro best-seller.

Conforme os dados da organização Ayn Rand Institute, atualmente, mais de 25 milhões de cópias dos romances de Ayn Rand foram vendidos. E, em um fenômeno praticamente sem precedentes, romances que foram publicados cinquenta anos atrás (ou mais), continuam a vender cerca de um milhão de cópias por ano. A popularidade duradoura de Ayn Rand não é difícil de entender. As suas estórias, elevadas e não convencionais, retratam uma nova visão exaltada do homem e da vida.

Em suas obras de ficção, Ayn Rand narra valores não encontrados em nossa época: temas atemporais e profundos, expressos logicamente e com enredos dramáticos. Os seus heróis são únicos: homens e mulheres, como Howard Roark (*The Fountainhead*) e Dagny Taggart (*Atlas Shrugged*), que são ambiciosos, decididos, independentes, fortes, honestos e, ao mesmo tempo, cruéis, egoístas e enormemente vivificantes, sem hesitações morais e eminentemente práticos.

Não é surpresa, portanto, que as ideias encontradas nos romances de Ayn Rand desafiam algumas das crenças mais profundamente arraigadas de hoje, razão pela qual elas continuam a ser discutidas e debatidas. Para a organização Ayn Rand Institute, a sua filosofia “para a vida na Terra”, que Rand chamou formalmente de Objetivismo, mudou a

mente de dezenas de milhares de leitores e lançou uma grande escola de pensamento com um impacto crescente sobre a cultura americana.

2.2.1.1 Atlas Shrugged

Atlas Shrugged (1957), obra-prima e último romance de Ayn Rand, é a dramatização de sua visão única de existência e de maior efeito e potencial na vida do homem; é a sua cosmovisão. Rand compôs uma defesa moral do capitalismo, expressando uma bateria de pontos relativos: que um indivíduo tem o direito à sua própria vida; que ele promove a sua vida pelo uso de sua mente racional; e que o direito de um homem para pensar e viver para si mesmo requer um sistema político-econômico livre, ou seja, capitalismo *laissez-faire*.

Na mitologia grega, o titã Atlas recebe de Zeus o castigo eterno de carregar nos ombros o peso dos céus. Neste romance, os pensadores, os inovadores e os indivíduos criativos suportam o peso de um mundo decadente enquanto são explorados por parasitas que não reconhecem o valor do trabalho e da produtividade e que se valem da corrupção, da mediocridade e da burocracia para impedir o progresso individual e da sociedade.

A estória é um mistério sobre um homem que disse que iria parar o motor do mundo e o fez. A sociedade é desintegrada, há escassez de alimentos, motins e o encerramento de centenas de fábricas. Este homem é um destruidor cruel ou um grande libertador? Qual é o motor do mundo? O que é necessário para reiniciá-lo? As respostas surgem no romance de forma lógica e num clímax surpreendente. Elas são de profundo significado, não apenas para a resolução do conflito central da estória, mas também para a vida real do homem.

Atlas Shrugged apresenta o conceito de herói de Ayn Rand e o radical princípio moral e filosófico pelo qual ele

vive. Esta base filosófica é o sistema de ideias que a filósofa chamou de Objetivismo. Rand tem como premissa que o pensamento racional, não a fé ou os sentimentos, é o único meio do homem adquirir conhecimento e progredir a sua vida na Terra; que a mente é o instrumento de sobrevivência da humanidade, e que qualquer forma de abolir a razão – fé religiosa, por exemplo – é prejudicial a vida humana.

Com a publicação de *Atlas Shrugged*, a carreira de Ayn Rand como escritora de ficção chegou ao fim. Nos anos seguintes, ela dedicou o seu tempo as aplicações e a natureza de sua nova filosofia, tanto por meio da escrita como de palestras.

2.2.1.2 The Fountainhead

A obra, *The Fountainhead* (1943), tem como protagonista Howard Roark, um brilhante jovem arquiteto de princípios que luta contra os padrões convencionais. Ele prefere ficar na obscuridade em vez de comprometer a sua visão artística e pessoal. As complexas relações entre Roark e os vários tipos de indivíduos que ajudam ou dificultam o seu progresso, ou ambos, permitem que a obra seja ao mesmo tempo um drama romântico e um trabalho filosófico. Para Ayn Rand, Roark é a personificação do ideal de espírito humano e a sua luta na crença de que o individualismo deve superar o coletivismo.

Com *The Fountainhead*, Ayn Rand alcançou o sucesso comercial, artístico e intelectual. Inicialmente rejeitado por uma dúzia de editoras, *The Fountainhead* tornou-se um best-seller em dois anos sendo divulgado, puramente, de boca em boca. Hoje, existem mais de 6,5 milhões de cópias impressas (BERNSTEIN, 2009). Nessa obra, foi a primeira vez que Rand apresentou o seu herói, o homem como “poderia ser e deveria ser”, e a sua ideia de individualismo versus coletivismo, não na política, “mas na alma do homem”. Em 1949, o romance foi transformado em um filme de

Hollywood. Rand escreveu o roteiro e Gary Cooper interpretou Howard Roark.

O herói que se recusa a vender a sua alma sob qualquer forma, tornou-se uma inspiração para inúmeros leitores ao longo de quase sete décadas desde a sua primeira publicação.

2.2.1.3 Anthem

Anthem (1938), conta a estória da rebelião de um homem contra um Estado comunista totalitário do futuro, onde toda a liberdade de pensamento e expressão foi abolida. Até mesmo a linguagem foi meticulosamente coletivizada: todos os pronomes da primeira pessoa do singular foram eliminados; homens são executados por descobrir e falar a “palavra indizível” – “eu”; e os indivíduos pensam e falam de si mesmo exclusivamente como “nós”. É um mundo onde os homens são infelizes e abnegados, com permissão apenas para existir e servir ao grupo.

A supressão do pensamento individual mergulhou a sociedade em uma segunda Idade das Trevas. O herói do romance, Equality 7-2521, um Thomas Edison de sua geração, reinventa a luz elétrica. Porém, quando ele comete o crime imperdoável de ter um pensamento independente, de ousar agir e se opor ao todo poderoso Estado, de entrar em conflito com as restrições morais de seu mundo, ele é condenado à morte.

Escrito em 1937, como uma espécie de descanso do seu romance anterior, *The Fountainhead*, *Anthem* simboliza a glorificação ao ego do homem. O seu estilo de composição é único entre as obras de Ayn Rand, pois está escrito na forma de um poema em prosa – um hino ao ego. A estória apresenta uma poderosa discussão da liberdade e direitos do indivíduo contra o poder opressivo de um Estado totalitário.

Inicialmente, a sua publicação foi recusada nos Estados Unidos; um editor o rejeitou alegando que “a autora

não entende o socialismo”. *Anthem* foi publicado pela primeira vez na Inglaterra. Uma edição americana apareceu apenas em 1946 e, desde então, o romance permanece na imprensa até hoje. Ele é amplamente utilizado em salas de aula em todo os Estados Unidos.

2.2.1.4 We the Living

Nascida na Rússia, em 1905, Ayn Rand testemunhou, em primeira mão, a Revolução Russa e a experiência de uma vida sob a tirania comunista. *We the Living* (1936) foi o seu primeiro e mais pessoal romance, um trabalho que como ela mesma mencionou “tão perto de uma autobiografia como eu jamais escreveria”.

Situado na Rússia pós-revolucionária, *We the Living* narra a comovente estória de três pessoas que lutam contra a opressão soviética: Kira Argounova, uma jovem de espírito independente que rebela-se ferozmente contra o comunismo; Leo Kovalensky, o homem que ela ama, cuja origem burguesas é marcado como um inimigo do estado; e Andrei Taganov, um oficial da polícia secreta soviética que é forçado a enfrentar o conflito entre os seus ideais e a realidade da vida comunista.

O romance retrata os efeitos destrutivos do coletivismo e reflete o pensamento filosófico de Ayn Rand sobre questões morais e políticas. Segundo ela, o tema do livro é “o indivíduo contra o Estado”. Publicado (com uma considerável dificuldade) no auge da Década Vermelha, período de obsessão dos intelectuais americanos com a Rússia Soviética, *We the Living* é uma acusação, não apenas do estilo de comunismo soviético, mas de todo e qualquer Estado totalitário que reivindica o direito de sacrificar o valor supremo de uma vida humana individual.

Explicando a natureza autobiográfica de *We the Living*, Ayn Rand escreveu que não é uma autobiografia literal, apenas no senso intelectual. O enredo foi inventado,

o cenário não. Ela nasceu na Rússia, foi educada sob os soviéticos, viu as condições de existência que descreve na obra. Os eventos específicos da vida da personagem Kira não eram dela, mas as suas ideias, as suas convicções e seus valores foram e são.

2.2.2 Obras de Não Ficção

A paixão de Ayn Rand pela filosofia estava arraigada em sua certeza de que ela é a força mais prática na vida humana. Em seus romances observamos o poder das ideias fundamentais animando a vida dos homens; as ideias certas dão origem às realizações e felicidade aos seus heróis, enquanto as ideias erradas viabilizam os seus vilões desprezíveis e trazem a destruição.

Depois de *Atlas Shrugged*, Ayn Rand voltou-se para a não ficção, tanto para refletir sobre a filosofia estabelecida em seus romances, como para utilizá-la na explicação e no combate da decomposição da cultura ao seu redor. De 1962 até 1976, ela publicou e escreveu sem intervalos para três periódicos: *The Objectivist Newsletter*, *The Objectivist* e *The Ayn Rand Letter*. Muitas de suas obras, nessas publicações, foram agrupadas em antologias. Os ensaios de Ayn Rand trazem uma nova clareza a uma vasta gama de problemas culturais e políticos através da identificação das ideias fundamentais; que são as suas causas. A partir daí torna-se possível rejeitar e substituir essas ideias para que a cultura mude para melhor.

Graças as suas análises perspicazes e as suas observações atemporais sobre política, sexo, economia, história, psicologia e filosofia, Ayn Rand mantém os seus ensaios grandiosos. Além disso, muitos dos tópicos que ela escreveu continuam a fazer parte do atual debate cultural: religião, meio ambiente, sexo, racismo, liberalismo, aborto, guerra e conservadorismo.

Após a morte de Ayn Rand, estudiosos (utilizando as ideias da filósofa como propriedade) compilaram coleções

inéditas de seu trabalho. Há muitas questões que ela não adicionou em seus textos formais – incluindo análises dos seus próprios romances, elaborações sobre a sua teoria do conhecimento e notas sobre psicologia. As suas obras póstumas incluem os seus diários, uma série de palestras sobre a sua escrita de ficção e não ficção, as suas correspondências com fãs, amigos e colegas, e as suas respostas e perguntas feitas em eventos públicos.

No material de não ficção de Ayn Rand encontramos um guia para o pensamento e a ação, soluções para problemas políticos e culturais da atualidade.

Livros e periódicos publicados durante a sua vida:

- *For the New Intellectual* (1961)
- *The Objectivist Newsletter* (1962-66)
- *The Virtue of Selfishness* (1964)
- *Capitalism: The Unknown Ideal* (1966)
- *The Objectivist* (1966-71)
- *Introducion to Objectivist Epistemology* (1967)
- *The Romantic Manifesto* (1969)
- *The Ayn Rand Letter* (1971-76)
- *Returno of the Primitive* (1971)

Alguns artigos de Ayn Rand:

- *The Objectivist Ethics* (1961)
- *Introducing Objectivism* (1962)
- *Collectivized "Rights"* (1963)
- *Man's Rights* (1963)
- *The Nature of Government* (1963)
- *Apollo 11 – The July 16, 1969 Launch: A Symbol of Man's Greatness* (1969)

Livros publicados postumamente:

- *Philosophy: Who Needs It* (1982)
- *The Ayn Rand Column* (1991)
- *The Ayn Rand Lexicon: Objectivism from A to Z* (1986)
- *The Voice of Reason: Essays in Objectivist Thought* (1989)
- *Ayn Rand's Marginalia* (1995)
- *Letters of Ayn Rand* (1995)
- *Journals of Ayn Rand* (1997)
- *Russian Writings on Hollywood* (1998)
- *The Ayn Rand Reader* (1998)
- *Why Businessmen Need Philosophy* (1999)

3

A VIRTUDE DO EGOÍSMO

O que é a vida, afinal? Qual é o seu sentido? De acordo com a teoria de Ayn Rand, os valores são o significado da vida. As coisas e as pessoas que um indivíduo ama e cuida – estes são os que dão sentido em sua vida. Assim, como Howard Roark em *The Fountainhead*, uma pessoa pode amar arquitetura ou, semelhante a Dagny Taggart em *Atlas Shrugged*, uma pessoa pode amar engenharia e ferrovias.

Uma pessoa pode apaixonadamente perseguir uma educação em biologia, literatura, ciência da computação ou qualquer outro assunto de interesse particular. Uma pessoa pode procurar uma carreira produtiva no ramo da construção, enfermagem ou qualquer outro campo de trabalho. Um indivíduo pode buscar fervorosamente ter filhos e formar uma família. Outro indivíduo pode desejar intensamente um relacionamento romântico, apaixonado, íntimo. Ele pode amar a arte, a educação, a riqueza de ganho ou cultivar amizades significativas ou, talvez, todos eles de uma só vez, ou qualquer outro bem, saudável, racional, de promoção da vida realizada na existência humana.

Estes são exemplos de valores de coisas ou pessoas que o indivíduo considera tão valiosos, dignos e importantes que o impele a buscar. Em outras palavras, os valores são os objetos de ações. Por exemplo, uma pessoa que deseja uma educação trabalhará duro em seus estudos, uma pessoa jovem que quer jogar basquete praticará por longas horas para melhorar as suas habilidades, um pai que quer uma relação estreita com o seu filho programará um tempo de qualidade em sua agenda lotada para gastar com ele. Valores, como Ayn Rand diz, são aquelas coisas que motivam uma pessoa a agir, a fim de obtê-los ou mantê-los.

Se os valores pessoais, profundamente apreciados, são o significado da vida, segue-se que é direito de um indivíduo buscar esses valores para atingir os seus objetivos – sem nunca render ou trair o que é mais importante para ele. Este princípio é o que Ayn Rand chamou de "virtude do egoísmo". É necessário compreender exatamente o que Ayn Rand entendia por "egoísmo" para evitar uma interpretação errônea de sua teoria. O seguinte tópico é dedicado a esse esclarecimento.

3.1 A Compreensão de Egoísmo

Em sua obra "A Virtude do Egoísmo", Ayn Rand explica, introdutoriamente, o porquê da utilização da palavra "egoísmo" para denotar qualidades virtuosas de caráter. Visto que esta palavra cria antagonismo entre tantas pessoas, a filósofa comenta que não foi uma escolha arbitrária, nem é uma mera questão de semântica, mas sim, de certa forma, uma provocação para àquelas pessoas que julga serem "incapazes de formular sua razão real ou identificar a profunda questão moral envolvida" (RAND, 1991, p. 14).

O significado dado pelo uso popular à palavra "egoísmo" não estaria, simplesmente, errado. Ele figuraria uma ausência intelectual devastadora que, mais do que qualquer outro agente, seria responsável pelo limitado

desenvolvimento moral da humanidade. Vulgarmente, a palavra “egoísmo” é utilizada como um sinônimo para maldade; lembra a imagem de alguém que não mede esforços nem consequências para atingir o seu próprio objetivo, que não se importa com outro ser vivo e apenas busca a recompensa de caprichos efêmeros.

No entanto, a definição do dicionário e o significado exato da palavra “egoísmo” é a preocupação com os nossos próprios interesses. Nada é mencionado sobre essa preocupação ser boa ou má; ela não inclui uma avaliação moral, bem como não diz o que são os interesses reais do homem. Segundo Ayn Rand, é no campo da ética que essas questões devem ser respondidas e foi na ética do altruísmo que essa imagem negativa foi gerada.

Essa espécie de ética, no intuito de fazer os homens aceitar dois princípios, para Rand “desumanos”, nos diz (a) que qualquer preocupação com nossos próprios interesses é má, não importando do que eles se tratem, e (b) que as atividades de um “egoísta” são, na verdade, a favor dos nossos próprios interesses, pois o altruísmo impõe ao homem a renúncia pelo bem de outros.

Ayn Rand identifica que o altruísmo se omite da tarefa de definir um código de valores morais, pois se qualquer ação praticada em benefício dos outros é boa, e qualquer ação praticada em nosso próprio benefício é má, o beneficiário de uma ação é o único critério de valor moral, ou seja, contanto que o beneficiário seja qualquer um, sem contar a nós mesmo, tudo passa a ser válido.

A partir dessas premissas, podemos observar o que esse critério moral, que considera apenas o beneficiário, faz à vida de um indivíduo. A primeira coisa que ele aprende é que não há nenhum ganho com a moralidade, apenas perda. Como Ayn Rand (1991, p. 16) nos diz: “[...] tudo o que ele pode esperar são perdas auto-impostas, dores auto-impostas e o manto cinzento e deprimente de uma obrigação incompreensível.”

O indivíduo ficaria a mercê de um auto-sacrifício alheio para receber um benefício, bem como se sacrificaria de má vontade em prol de outro, produzindo assim um relacionamento de ressentimentos mútuos, não prazeroso e que, moralmente, esta busca de valores não permitiria que nenhum deles escolhesse ou desejasse o benefício que mais lhe convém.

Com exceção dos momentos em que o indivíduo realizará algum ato de auto-sacrifício, ele sentirá falta, como ser humano que é, de qualquer significado moral. Daí resulta a carência de uma moralidade que nada tem a dizer-lhe como orientação nas questões cruciais de sua vida, pois a vida pessoal, privada, “egoísta” é considerada maléfica ou amoral.

Visto que a natureza não abastece o homem com uma forma automática de sobrevivência e, que ele, por meio de seu esforço, deve se sustentar, a crença que afirma que a preocupação com os nossos próprios interesses é nociva significa, portanto, que a vida do homem, o seu desejo de viver, é nocivo e, para Ayn Rand, nenhuma outra crença poderia ser mais nociva do que esta.

A filósofa explica que se a sua concepção de “egoísmo” for uma inverdade, então significa dizer que o altruísmo não permitiria conceito algum sobre um homem que sustenta a sua vida por meio do seu próprio esforço, nem se sacrifica pelos outros, nem sacrifica os outros por si, ele se auto-respeita e é independente economicamente. O altruísmo não permitiria outra visão dos homens que não seja a de vítimas e parasitas, não haveria o conceito de uma coexistência benevolente entre os homens e também nem o conceito de justiça.

Rand acredita que as razões que levam a maioria dos homens a desperdiçar as suas vidas estão: no cinismo, porque eles não praticam nem aceitam a moralidade altruísta; e na culpa, porque eles não se atrevem a rejeitá-la. Para rebelar-se contra tal mal, seria necessário redimir o conceito de “egoísmo”, apaziguando assim o homem e a moralidade.

O primeiro passo seria reconhecer que o homem necessita de um código moral para guiar o rumo e a realização de sua própria vida. O propósito da moralidade é definir os interesses e valores adequados ao homem. A preocupação por seus próprios interesses é a essência de uma existência moral e o homem deve ser o beneficiário de seus próprios atos morais.

Sabendo que todos os valores têm de ser ganhos e/ou mantidos pelas ações do homem, o sacrifício de alguns em prol de outros, daqueles que agem em favor dos que não agem, dos que têm moral em favor dos imorais, implicaria em uma injustiça. Por isso que a escolha do beneficiário dos valores morais tem de ser derivada de e validada pelas premissas fundamentais de um sistema moral.

A ética Objetivista afirma que o indivíduo deve ser sempre o beneficiário de sua ação e que deve agir para seu próprio auto-interesse racional. Não é uma resolução “para fazer o que lhe agrada”, mas é seu direito fazer algo que procede de sua natureza enquanto homem e da função dos valores morais na vida humana – e, por conseguinte, é aplicável somente no contexto de um código de princípios morais racional, objetivamente demonstrado e validado, que defina e determine seu real auto-interesse.

Não é aplicável a qualquer indivíduo motivado por emoções, sentimentos, impulsos, desejos ou caprichos irracionais. Do mesmo modo que a satisfação dos desejos irracionais dos demais não é um critério de valor moral, não o é também a satisfação de nossos próprios desejos irracionais. Nosso próprio julgamento livre é o meio pelo qual nós devemos escolher nossos atos, mas não é um critério, nem uma justificativa moral: somente a referência a um princípio demonstrável pode validar nossas escolhas.

Assim como o homem não pode sobreviver por quaisquer meios acidentais, mas deve descobrir e praticar os princípios que sua sobrevivência requer, assim também não pode o auto-interesse do homem ser determinado por

desejos cegos ou caprichos irracionais, mas tem de ser descoberto e conquistado sob a diretriz de princípios racionais. É por isso que a ética Objetivista é uma moralidade de auto-interesse racional ou de egoísmo racional.

Segundo Ayn Rand, o ataque ao “egoísmo” é um ataque à auto-estima do homem; render um é render o outro, pois a ética Objetivista utiliza o conceito de “egoísmo” no seu sentido mais puro e exato: “preocupação com nossos próprios interesses”. Não é um conceito de que se possa submeter-se aos inimigos do homem, nem aos falsos conceitos, distorções, convencionalismos e medo dos ignorantes e dos irracionais.

3.2 Por que Objetivismo?

Antes de aprofundar o tema da ética Objetivista, é indispensável o entendimento sobre a escolha do nome Objetivismo. A resposta curta é que Ayn Rand acreditava que o conhecimento e os valores são objetivos. Ou seja, uma ideia é objetiva se for baseada em fatos, provas concretas ou dados para apoiá-la, não em capricho pessoal de um indivíduo, desejo ou crença. Então, dizer que o conhecimento e os valores são objetivos é dizer que o conhecimento humano e julgamentos de certo e errado podem e devem ser baseados em fatos, e não apenas nos sentimentos ou na fé de uma pessoa ou grupo.

O conhecimento, de acordo com Ayn Rand e uma longa linha de filósofos e cientistas, se origina na experiência dos sentidos e da observação no que podemos ver, tocar, ouvir, etc. Colocando de uma forma simples, todo conhecimento se origina de fatos observacionais. Tal teoria na epistemologia – apenas uma palavra grande para o estudo de como os seres humanos adquirem conhecimento – nega que o conhecimento humano é baseado na fé religiosa ou nos sentimentos de uma pessoa.

Por outro lado, na religião, o conhecimento começa com um livro que é considerado a palavra de Deus – Bíblia, Alcorão ou algum outro texto religioso –, em seguida, os seus ensinamentos devem ser aceitos, sem dúvida ou crítica. Devido a esse método, algumas pessoas acreditam que mulheres são transformadas em pilares de sal, homens andam sobre a água, o sol fica parado no céu e outras crenças semelhantes.

No mundo ocidental moderno, a religião não é tão influente como foi durante a Idade Média ou em grandes partes do mundo islâmico. No entanto, hoje, muitas pessoas acreditam que você deve simplesmente "confiar no seu coração". Isso significa que você deve seguir, basicamente, as suas emoções. Se você, profundamente e sinceramente, sente que algo é verdadeiro ou bom, então é verdadeiro ou bom para você. Em outras palavras, os sentimentos de uma pessoa são a única prova de que ele necessita para determinar se a afirmação é verdadeira ou falsa, certa ou errada.

Para Bernstein (2009, p. 38) isso significa, por exemplo, que se você acreditar em astrologia, numerologia, leitura de tarô ou pouso alienígenas, então tais crenças são verdadeiras para você. Da mesma forma, se você sentir que o uso de drogas, o sexo indiscriminado ou, até mesmo, a violência está certa, então tais ações são certas para você. Esta teoria é conhecida como emocionalismo. Ayn Rand classificou tais crenças como irracionais. Sem fatos para apoiá-las, elas são apenas crenças arbitrárias sem base nem provas.

Hoje, com os avanços na biologia, nutrição e medicina temos respaldo científico para as alegações de muitas mães que diziam aos filhos que comer frutas e verduras era bom para eles e, que comer doces ou outras guloseimas em excesso, não era. Sabemos o suficiente de bioquímica para explicar os efeitos físicos positivos da proteína e da vitamina – de frutas e vegetais ricos em minerais – e os efeitos físicos prejudiciais de uma dieta

sobrecarregada com açúcar. Em suma, no senso comum, o que a mãe diz sobre tais assuntos são apoiados por um impressionante corpo de evidência factual.

Estes são exemplos simples, no entanto, eles são exemplos válidos de objetividade – de reivindicações que são baseadas em fatos, não em fé ou sentimentos. O resultado disso é que qualquer teoria, seja em ciência, filosofia ou em qualquer outro campo, se é verdade, pode e deve ser validado com o apoio de uma grande quantidade de informações factuais.

Na ciência, por exemplo, a lei da gravidade de Newton tem uma tonelada de provas concretas para apoiá-lo. Em milhares de casos, a atração entre os corpos é demonstrada. Se uma pessoa joga uma bola no ar, ela volta para a terra. Se alguma coisa cai de uma mesa, ela cai no chão. Todos os organismos voadores, como aves, ou objetos, como aviões e foguetes, necessitam gerar uma força superior à força gravitacional a fim de ser impelido pelo ar. Se essa força é anulada, o objeto deixa de voar e cai.

Verdades filosóficas, como as científicas, são suportadas pela evidência factual. Por exemplo, as alegações de Ayn Rand de que a mente racional é a fonte do progresso humano e da prosperidade e, que a mente criativa requer uma liberdade político-econômica. Desenvolvimentos pioneiros na filosofia e inúmeros outros exemplos no mundo moderno proporcionam uma infinidade de fatos demonstrando o poder vivificante da mente. Os avanços da ciência e da tecnologia agrícola, necessários para crescer uma abundância de alimentos, as invenções como a luz elétrica, aviões, computadores pessoais e Internet, os avanços na pesquisa médica e desenvolvimento de novos produtos farmacêuticos, a identificação de verdades científicas mais profundas, como a teoria da evolução.

Da mesma forma, em relação ao ponto sobre a liberdade político-econômica, quando a mente livre é suprimida pela autoridade religiosa, como na Europa

medieval, uma era negra segue. Quando a mente é reprimida por governos ditatoriais, como os comunistas em Cuba, Coréia do Norte e na ex-União Soviética, o resultado é a estagnação, pobreza opressiva e colapso abismal. Mas, quando a mente está livre, como nas modernas nações ocidentais e Hong Kong, Coréia do Sul, Singapura, Taiwan e Japão, os avanços são feitos em todas as áreas criativas e os padrões de vida humanos e expectativa de vida sobe para níveis, historicamente, sem precedentes. A riqueza de dados factuais apoia a alegação de que a liberdade político-econômica é um enorme benefício para a vida humana.

Estes são apenas alguns dos pontos que Ayn Rand tinha em mente quando descreveu o conhecimento humano como "objetivo". Ela também afirmou que os nossos juízos morais – nossas reivindicações sobre o certo e o errado, o bem e o mal, podem e devem ser fundamentados em fatos objetivos e não nos sentimentos ou a fé de qualquer pessoa ou grupo.

Mas como pode ser isso? Afinal, em nossos dias, é amplamente difundido de que cada sociedade desenvolve os seus próprios costumes e ideias de certo e errado, que estes diferem de sociedade para sociedade e que é impossível julgar as crenças de uma sociedade superiores a outra. Esta teoria popular é conhecida como "relativismo moral". Hoje, ela é por vezes referida como "multiculturalismo".

Além disso, a religião ainda é popular em muitas partes do mundo e religião, certamente, não tem base factual de suas afirmações morais. Por exemplo, não há nenhuma evidência para apoiar a alegação de que os seres humanos nascem em pecado, que Deus é moralmente puro (ou até mesmo que ele existe), que Deus é a fonte dos mandamentos bíblicos e que a virtude reside na obediência inquestionável a estes comandos. Estas são puramente questões de fé. Então, como poderia Ayn Rand ter afirmado que uma ética adequada baseia-se inteiramente em fatos e razão?

A resposta a tal pergunta era e permanece revolucionária, mas pode ser explicada com clareza e simplicidade. Por exemplo: suponha que um homem trabalhe de forma honesta e produtiva, e que se sustenta pelo seu próprio esforço, sem mentir ou enganar. A maioria das pessoas concordaria, sem dúvida, de que tal curso de ação é boa. Mas o que o torna bom? É bom, simplesmente, porque a maioria das pessoas em nossa sociedade consideram assim? Ou é bom porque Deus ordena a nós? Ou, alternativamente, é bom porque algum fato da realidade, uma lei da natureza, requer que os seres humanos devam viver bem na terra?

A resposta de Ayn Rand era, naturalmente, o último. Por quê? Por um lado, ela levantou a questão de uma nova forma. Ela não perguntou se existe alguma ligação entre os fatos e julgamentos humanos do bem e do mal. Em vez disso, ela perguntou: Qual fato básico da realidade dá origem à necessidade de fazer essas avaliações de certo e errado, bem e mal do homem? Com efeito, dada a natureza humana, temos claramente uma necessidade inerente de avaliar o bem e o mal, mas o que é isso? É o que será apresentado, com mais detalhes, no tópico seguinte.

3.3 A Ética Objetivista

A moralidade ou ética é um código de valores que norteia as escolhas e as ações do homem – escolhas e ações estas que determinam o propósito e o rumo de sua vida. A ética, como ciência, trata da descoberta e da definição deste código. Mas por que o homem precisa de um código de valores? Para Ayn Rand, nenhum filósofo deu uma resposta racional, objetivamente demonstrável e científica, à pergunta do porquê do homem precisar de um código de valores.

Enquanto esta pergunta permaneceu irrespondida, nenhum código de ética objetivo, racional e científico pode ser descoberto ou definido. A maioria dos filósofos considerariam a existência da ética como certa, como um

dado, como um fato histórico, e não estariam interessados em descobrir a sua causa metafísica ou a sua validação objetiva.

Muitos deles tentaram quebrar o monopólio tradicional do misticismo no campo da ética para, supostamente, definir uma moralidade racional, científica e não-religiosa. Mas suas tentativas consistiram em aceitar as doutrinas éticas dos místicos tratando de justificá-las sob fundamentos sociais, meramente substituindo Deus por Sociedade. (RAND, 1991, p. 21)

Os místicos declarados sustentariam a arbitrária e inexplicável “vontade de Deus” como o padrão do bem e como a validação de sua ética. Os neomísticos o substituiriam por “o bem da sociedade”, caindo assim na circularidade da definição de que o critério do bem é aquilo que é bom para a sociedade. Isto significaria, na lógica, que a “sociedade” mantém-se acima de quaisquer princípios de ética, já que ela é a fonte, o padrão e o critério de ética, já que “o bem” é tudo o que a sociedade deseja, tudo o que ela pode reclamar como sendo o seu próprio bem-estar e prazer.

Isto significaria que a “sociedade” pode fazer o que ela quiser, já que “o bem” é tudo aquilo que ela escolhe fazer simplesmente porque ela escolheu fazê-lo. E, já que não existe uma entidade tal como a “sociedade”, já que a sociedade é apenas um número de indivíduos – isto significaria que alguns homens estão eticamente autorizados a perseguir quaisquer caprichos (ou quaisquer atrocidades) que desejem perseguir, enquanto outros homens estão eticamente obrigados a passar as suas vidas a serviço dos desejos desta gangue.

Segundo Ayn Rand, isso dificilmente poderia ser chamado de racional, no entanto, a maioria dos filósofos decidiu agora declarar que a razão falhou, que a ética está fora do poder da razão, que não há ética racional que possa ser definida, e que no campo da ética – na escolha de seus valores, de suas ações, de suas ocupações, das metas de sua

vida – o homem deve ser guiado por algo mais do que a razão. Mesmo discordando entre si sobre outros temas, os moralistas atuais concordariam que a ética é uma questão subjetiva e que as três coisas proibidas ao seu campo são razão – consciência – realidade.

Se você se perguntar por que o mundo hoje está afundando em um inferno cada vez mais profundo, está será a razão. Esta é a premissa da ética moderna – e de toda a história da ética – que deve desafiar, se você quer salvar a civilização. (RAND, 1991, p. 23)

Para desafiar a premissa básica de qualquer disciplina, devemos começar pelo início. No caso da ética, deve-se começar perguntando: O que são valores? Por que o homem necessita de valores?

“Valor” é tudo aquilo pelo qual alguém age para conseguir e/ou manter. O conceito de “valor” não é um conceito primário; ele pressupõe uma resposta à pergunta: de valor para quem e para o quê? Ele pressupõe uma entidade capaz de atuar para atingir um objetivo frente a uma alternativa. Onde não existem alternativas, não são possíveis nem objetivos e nem valores.

Apenas uma entidade viva pode ter objetivos ou originá-los. E somente um organismo vivo tem capacidade para realizar ações autogeradas e dirigidas a um objetivo. Ao nível físico, as funções de todos os organismos vivos, do mais simples ao mais complexo – da função nutritiva na célula única de uma ameba à circulação do sangue no corpo de um homem –, são ações geradas pelo próprio organismo e dirigidas a um único objetivo: a conservação da vida do organismo.

A vida de um organismo depende de dois fatores: o material ou o combustível que ele necessita do lado de fora, do seu meio ambiente físico, e a ação de seu próprio corpo, de utilizar este combustível apropriadamente. O critério que determina o que é apropriado neste contexto é a vida do

organismo, ou: aquilo que é exigido para a sobrevivência do organismo. O organismo não possui nenhuma opção nesta questão: aquilo exigido para a sua sobrevivência é determinado pela sua natureza, pelo tipo de entidade que é.

A vida pode ser mantida na existência apenas por um processo constante de ação de auto-sustentação. O objetivo desta ação, o valor supremo que, para ser mantido, deve ser ganho através de cada um de seus momentos é a vida do organismo. Um valor supremo é aquele objetivo final para o qual todos os objetivos menores são meios – ele estabelece o critério pelo qual todos os objetivos menores são valorados. A vida de um organismo é o seu padrão de valor: aquilo que promove a sua vida é o bem, aquilo que a ameaça é o mal. O fato de que uma entidade é viva, determina o que ela deve fazer. Isto é o suficiente no que se refere à questão da relação entre o “ser” e o “dever”.

É somente um objetivo último, um fim em si mesmo, que faz possível a existência de valores. Metafisicamente, a vida é o único fenômeno que é um fim em si mesmo: um valor ganho e mantido por um processo constante de ação. Epistemologicamente, o conceito de “valor” é geneticamente dependente e derivado do conceito antecedente de “vida”. Falar de “valor” separadamente de “vida” é pior do que uma contradição em termos. “É somente o conceito de ‘Vida’ que torna possível o conceito de ‘Valor’. (RAND, 1991, p. 24)

É mediante as sensações físicas de prazer ou dor que pela primeira vez o ser humano torna-se consciente da questão do “bem e do mal”. Assim como as sensações são o primeiro passo no desenvolvimento de uma consciência humana no terreno da cognição, assim também o são no terreno da valoração. A capacidade de experimentar prazer ou dor é inata no corpo do ser humano; é parte de sua natureza, parte do tipo de entidade que ele é.

O mecanismo prazer-dor no corpo de um homem – e nos corpos de todos os organismos vivos que possuem a

faculdade da consciência – serve como um guardião automático da vida do organismo. A sensação física de prazer é um sinal indicando que o organismo está perseguindo o curso certo de ação. A sensação física de dor é um aviso de perigo, indicando que o organismo está perseguindo o curso errado de ação, que algo está interferindo na função adequada do seu corpo, o que requer uma ação corretiva.

Os organismos mais simples, como as plantas, podem sobreviver por meio de suas funções físicas automáticas. Os organismos superiores, como os animais e o homem, não: as suas necessidades são mais complexas, e o seu raio de ação é mais amplo. As funções físicas de seus corpos podem executar, automaticamente, somente a tarefa de utilizar o combustível, mas não podem obter combustível. Para obtê-lo, os organismos superiores precisam da faculdade da consciência. Uma planta pode obter sua comida do solo no qual ela cresce. Um animal tem que caçá-la. O homem tem que produzi-la.

O homem não tem um código automático de sobrevivência. Ele não possui um curso automático de ação, nem um conjunto automático de valores. Os seus sentidos não lhe dizem automaticamente o que é bom ou o que é mau para si, o que beneficiará a sua vida ou o que a porá em perigo, que objetivos ele pode perseguir e com que meios ele poderá alcançá-los, quais são os valores de que sua vida depende, que curso de ação esta requer. A sua própria consciência tem de descobrir as respostas a estas perguntas – mas a sua consciência não funciona automaticamente.

O homem, a mais elevada espécie viva sobre a Terra – o ser cuja consciência tem uma capacidade ilimitada de adquirir conhecimento –, é a única entidade viva que nasce sem nenhuma garantia de sequer permanecer consciente. O que distingue particularmente o homem de todas as outras espécies vivas é o fato de que sua consciência é volitiva. (RAND, 1991, p. 28)

As ações e a sobrevivência do homem requerem a diretriz de valores conceituais obtidos de um conhecimento conceitual. Mas o conhecimento conceitual não pode ser adquirido automaticamente. Um “conceito” é uma integração mental de duas ou mais realidades perceptuais que são isoladas por um processo de abstração e unidas por meio de uma definição específica. Cada palavra da linguagem do ser humano, com a exceção dos nomes próprios, denota um conceito, uma abstração que representa um número ilimitado de realidades perceptuais de um tipo específico. É através da organização de seu material perceptual em conceitos, e de seus conceitos em conceitos mais e mais amplos, que o homem é capaz de compreender e reter, identificar e integrar uma quantidade ilimitada de conhecimento, um conhecimento que se estende para além das percepções imediatas de qualquer momento dado.

Os órgãos do sentido do homem funcionam automaticamente; o cérebro do homem integra as informações sensoriais em percepções de maneira automática; mas o processo de integrar percepções em conceitos – o processo de abstração e de formação de conceitos – não é automático. O processo de formação de conceitos não consiste meramente em compreender algumas poucas e simples abstrações, como “cadeira”, “mesa”, “quente”, “frio”, e em aprender a falar. Ele consiste em um método para usar a consciência, o qual Ayn Rand designa como “conceitualização” (RAND, 1991).

Este método não é um estado passivo de registrar impressões ao acaso. Ele é um processo ativamente sustentado de identificar nossas impressões em termos conceituais, de integrar cada evento e cada observação em um contexto conceitual, de compreender relacionamentos, diferenças, similaridades em nosso material perceptual, e de abstrair-los em novos conceitos, de traçar inferências, fazer deduções, alcançar conclusões, fazer novas perguntas e descobrir novas respostas e ampliar nosso conhecimento em

um total sempre-crescente. A faculdade que dirige este processo, a faculdade que opera por meio de conceitos, é a razão. O processo se denomina pensar.

A razão é a faculdade que identifica e integra o material provido pelos sentidos do homem. Ela é uma faculdade que o homem tem de exercitar por escolha. Pensar não é uma função automática. Em cada situação ou momento de sua vida, o homem é livre para pensar ou para evitar este esforço. Pensar requer um estado de consciência total focalizada. “O ato de focalizar nossa consciência é volitivo” (RAND, 1991, p. 29).

Psicologicamente, a escolha de “pensar ou não” é a escolha de “focalizar ou não”. Existencialmente, a escolha de “focalizar ou não” é a escolha de “ser consciente ou não”. Metafisicamente, a escolha de “ser consciente ou não” é a escolha de vida ou morte. Para o homem, o meio básico de sobrevivência é a razão. O homem não pode suprir as suas necessidades físicas mais simples sem um processo de pensamento. Ele precisa de um processo de pensamento para descobrir como plantar e cultivar a sua comida ou como fazer armas para caçar.

Nenhuma percepção e nenhum “instinto” lhe dirá como acender um fogo, como tecer um pano, como forjar ferramentas, como fazer uma roda, um avião, como executar uma cirurgia, como produzir uma lâmpada elétrica ou uma válvula eletrônica ou uma caixa de fósforos. No entanto, a sua vida depende de tal conhecimento – e apenas um ato volitivo de sua consciência, um processo de pensamento, pode supri-lo. Mas a responsabilidade do homem vai além: um processo de pensamento não é automático, nem “instintivo”, nem involuntário – nem infalível.

O homem deve iniciá-lo, sustentá-lo e assumir responsabilidade por seus resultados. Ele tem que discernir o que é verdadeiro ou falso e descobrir como corrigir seus próprios erros; ele tem que descobrir como validar seus conceitos, suas conclusões, seu

conhecimento; ele tem que descobrir as regras do pensamento, as leis da lógica, para dirigir seu pensamento. A natureza não lhe dá garantia automática da eficácia de seu esforço mental. Nada é dado ao homem na Terra, exceto um potencial e o material para realizá-lo. (RAND, 1991, p. 30)

Um ser que não sabe automaticamente o que é verdadeiro ou falso, não pode saber automaticamente o que é certo ou errado, o que é bom ou mau para si. No entanto ele precisa deste conhecimento para viver. O conhecimento, para qualquer organismo consciente, é o seu meio de sobrevivência; para uma consciência viva, cada “é” implica um “deve”. “O homem é a única espécie viva que possui o poder de agir como seu próprio destruidor – e este é o caminho pelo qual ele tem agido através da maior parte de sua história” (RAND, 1991, p. 31).

Quais são, então, os objetivos corretos para o homem perseguir? Quais são os valores que a sua sobrevivência requer? Esta é a pergunta a ser respondida pela ciência da ética. E é por isto que o homem precisa de um código de ética. A ética não é uma fantasia mística – nem uma convenção social – nem um luxo subjetivo e dispensável a ser trocado ou descartado em qualquer emergência.

A ética é uma necessidade objetiva e metafísica da sobrevivência do homem – não pela graça do sobrenatural, nem de seus vizinhos, nem de seus caprichos, mas pela graça da realidade e da natureza da vida. Segundo Rand (1991), o critério de valor da ética Objetivista – o critério pelo qual alguém julga o que é bem ou mal – é a vida do homem, ou: aquilo que é exigido para a sobrevivência do homem enquanto homem.

Dado que a razão é o meio básico de sobrevivência do homem, aquilo que é próprio para a vida de um ser racional é o bem; aquilo que a nega, que se opõe a ela ou a destrói, é o mal. Dado que tudo que o homem necessita tem

que ser descoberto por sua própria mente e produzido por seu próprio esforço, os dois pontos essenciais do método de sobrevivência próprios a um ser racional são: pensamento e trabalho produtivo.

Os homens que tentam sobreviver, não por meio da razão, mas por meio da força, estão utilizando o método de sobrevivência dos animais. Mas, assim como os animais não seriam capazes de sobreviver usando o método das plantas, rejeitando a locomoção e esperando que o solo os alimente – também o homem não pode sobreviver usando o método dos animais, rejeitando a razão e contando com homens produtivos para servirem como suas presas. (RAND, 1991, p. 33)

O homem não pode sobreviver, como faz um animal, agindo segundo a necessidade do momento. Se o homem quer ser bem-sucedido na tarefa da sobrevivência, e para que as suas ações não sejam dirigidas para a sua própria destruição, o homem deve escolher o seu rumo, os seus objetivos, os seus valores nos termos e no contexto de uma vida. Nenhuma sensação, percepção, impulso ou “instinto” pode fazê-lo; apenas a sua mente pode.

Para a ética Objetivista o critério de valor é a vida humana – e o propósito ético de cada indivíduo, a sua própria vida. Rand (1991) explica que a diferença entre “critério” e “propósito” neste contexto é o que segue: um “critério” é um princípio abstrato que serve como uma medida ou calibre para guiar as escolhas do homem para o alcance de um propósito concreto e específico. Aquilo que é exigido para a sobrevivência do homem enquanto homem é um princípio abstrato que se aplica a cada homem individualmente.

A tarefa de se aplicar este princípio em um propósito concreto e específico – o propósito de viver uma vida adequada a um ser racional – pertence a cada homem individualmente, e a vida que ele tem que viver é a sua própria. Valor é aquilo pelo qual agimos para ganhar e/ou

manter – virtude é o meio pelo qual ou o ganhamos e/ou mantemos.

Os três valores fundamentais da ética Objetivista – os três valores que, juntos, são os meios para e a realização do nosso valor supremo, ou seja, a nossa própria vida – são: Razão, Propósito, Auto-estima, com suas três virtudes correspondentes: Racionalidade, Produtividade, Orgulho. (RAND, 1991, p. 35)

O trabalho produtivo é o propósito central da vida de um homem racional, o valor central que integra e determina a hierarquia de todos os seus outros valores. A Razão é a fonte, a pré-condição de seu trabalho produtivo – Orgulho é o resultado. Racionalidade é a virtude básica do homem, a fonte de todas as suas outras virtudes. O vício básico do homem, a fonte de todos os seus males, é o ato de desfocar a sua mente, a suspensão de sua consciência, o qual não é cegueira, mas a recusa de ver, e não é ignorância, mas a recusa de saber. “A irracionalidade é a rejeição do meio de sobrevivência do homem e, portanto, um compromisso para um rumo de destruição cego; aquilo é anti-mente, é anti-vida.” (RAND, 1991, p. 35)

A virtude da Racionalidade significa o reconhecimento e aceitação da razão como a nossa única fonte de conhecimento, o nosso único juízo de valores e o nosso único guia de ação. Significa o nosso total comprometimento para com um estado de atenção pleno e consciente, com a manutenção de um foco mental completo em todas as questões, em todas as escolhas, em todas as nossas horas de vigília. Significa um compromisso com a mais completa percepção da realidade dentro de nossas possibilidades e com a expansão ativa e constante de nossa percepção, isto é, de nosso conhecimento.

Significa um compromisso com a realidade de nossa própria existência, isto é, com o princípio de que todos os nossos objetivos, valores e atos acontecem dentro da

realidade, e, portando, que não devemos nunca colocar nenhum valor ou consideração, em absoluto, acima de nossa percepção da realidade. Significa um compromisso com o princípio de que todas as nossas convicções, valores, objetivos, desejos e ações devem ser baseados em, derivados de, escolhidos e validados por um processo de pensamento – um processo de pensamento tão preciso e tão escrupuloso, dirigido por uma aplicação implacavelmente rígida da lógica, quanto a nossa mais completa capacidade permitir.

Significa a nossa aceitação da responsabilidade de formar os nossos próprios julgamentos e de viver pelo trabalho de nossa própria mente (que é a virtude da Independência). Significa que não devemos nunca sacrificar as nossas convicções às opiniões ou desejos de outros (que é a virtude da Integridade) – que nunca devemos tentar falsear a realidade, por qualquer maneira que seja (que é a virtude da Honestidade) – que nunca devemos procurar ou conceder o não-obtido e o não-merecido, nem em matéria, nem em espírito (que é a virtude da Justiça).

Significa que nunca devemos desejar efeitos sem causas, e que nunca devemos decretar uma causa sem assumir a total responsabilidade por os seus efeitos – que não devemos nunca agir sem saber os nossos próprios propósitos e motivos – que nunca devemos tomar nenhuma decisão, formar qualquer convicção ou procurar qualquer valor fora de contexto, isto é, separado ou em contradição com a soma total e integrada de nosso conhecimento – e, acima de tudo, que nunca devemos procurar evadir-nos com contradições.

Significa a rejeição de toda e qualquer forma de misticismo, isto é, qualquer apelação a alguma fonte de conhecimento não-sensorial, não-racional, não-definível, sobrenatural. Significa um compromisso com a razão, não em momentos esporádicos, em questões selecionadas, ou em emergências especiais, mas como uma filosofia de vida permanente.

A virtude da Produtividade é o reconhecimento do fato de que o trabalho produtivo é o processo pelo qual a mente humana sustenta a sua vida, o processo que liberta o homem da necessidade de ajustar-se ao meio ambiente, como fazem todos os animais, e que lhe dá o poder de ajustar o meio ambiente a si próprio. O trabalho produtivo é o caminho da realização ilimitada do homem e exige deste os maiores atributos de seu caráter: a sua habilidade criativa, a sua ambição, a sua autoafirmação, a sua recusa em suportar desastres que ele não provocou, a sua dedicação ao objetivo de transformar a Terra na imagem de seus valores.

“Trabalho produtivo” não significa a realização dos movimentos inconscientes de alguma tarefa. Significa a busca de uma carreira produtiva, escolhida conscientemente, em qualquer linha de empenho racional, grande ou modesta, e em qualquer nível de habilidade. O eticamente relevante aqui não é o grau de habilidade de um homem, nem o nível de importância de seu trabalho, mas o mais completo e o mais resolutivo uso de sua mente.

A virtude do Orgulho pode ser melhor descrita pelo termo: “ambição moral”. Significa que um indivíduo deve conquistar o direito de considerar a si próprio como o seu mais alto valor, através da realização de sua própria perfeição moral. A perfeição moral se conquista não aceitando jamais códigos de virtudes irracionais impossíveis de serem praticadas e nunca deixando de praticar as virtudes que se reconhece serem racionais – se conquista não aceitando jamais uma culpa não-merecida e nunca merecendo alguma ou, se efetivamente a mereceu, nunca deixando-a sem correção – nunca resignando-se passivamente diante de qualquer imperfeição em seu caráter pessoal – não colocando jamais nenhuma preocupação, desejo, medo ou estado de espírito momentâneo acima da realidade de sua própria autoestima. E, acima de tudo, significa a sua rejeição do papel de animal de sacrifício, a rejeição de qualquer

doutrina que pregue a autoimolação como uma virtude ou dever moral.

O princípio social básico da ética Objetivista é que, assim como a vida é um fim em si mesma, assim também todo ser humano vivo é um fim em si mesmo, não o meio para os fins ou o bem-estar dos outros – e, portanto, que o homem deve viver para seu próprio proveito, não se sacrificando pelos outros, nem sacrificando os outros para si. Viver para seu próprio proveito significa que o propósito moral mais alto do ser humano é a realização de sua própria felicidade. (RAND, 1991, p. 37)

Em termos psicológicos, a questão da sobrevivência do homem não confronta a sua consciência como uma questão de “vida ou morte”, mas como uma questão de “felicidade ou sofrimento”. A felicidade é o estado de triunfo da vida, o sofrimento é o sinal de alerta do fracasso, da morte. Assim como o mecanismo de prazer-dor do corpo humano é um indicador automático do bem-estar de seu organismo, um barômetro de sua alternativa básica, vida ou morte – também o mecanismo emocional da consciência do homem está programado para executar a mesma função, como um barômetro que registra a mesma alternativa por meio de duas emoções básicas: alegria ou sofrimento. As emoções são os resultados automáticos dos juízos de valor do homem integrados pelo seu subconsciente; as emoções são estimativas daquilo que promove ou ameaça os valores do homem, daquilo que está a favor ou contra ele – calculadores-relâmpago que lhe dão o somatório de seu lucro ou prejuízo.

O homem nasce com um mecanismo emocional, da mesma forma como nasce com um mecanismo cognitivo; mas, ao nascer, ambos são “tabula rasa”. É a faculdade cognitiva do homem, a sua mente, que determina o conteúdo de ambos. O mecanismo emocional do homem é como um computador eletrônico que a sua mente tem que programar – e a programação consiste dos valores que a sua mente

escolhe. O homem escolhe os seus valores por um processo consciente de pensamento – ou os aceita por omissão, por associações subconscientes, por fé, por autoridade de alguém, por alguma forma de osmose social ou por imitação cega.

Existencialmente, a atividade de perseguir objetivos racionais é a atividade de manter a própria vida; psicologicamente, seu resultado, recompensa e concomitância é um estado emocional de felicidade. “A manutenção da vida e a busca da felicidade não são duas questões separadas. Considerar a própria vida como o valor último, e a própria felicidade como o mais alto propósito, são dois aspectos da mesma realização.” (RAND, 1991, p. 40)

Quando se experimenta o tipo de felicidade pura que é um fim em si mesma – o tipo que nos faz pensar: “Por isto vale a pena viver” – o que estamos saudando e afirmando em termos emocionais é o fato metafísico de que a vida é um fim em si mesma (RAND, 1991). Mas o relacionamento de causa e efeito não pode ser invertido. É apenas através da aceitação da própria vida como princípio fundamental e pela busca dos valores racionais que a vida requer, que se alcança a felicidade – não tornando a “felicidade” como um princípio indefinido e irreduzível e então tentando viver por essas diretrizes.

Segundo Rand (1991), a “Felicidade” pode ser corretamente entendida como o propósito da ética, mas não como a sua base. A tarefa da ética é definir o código de valores adequado para o homem e, deste modo, dar-lhe o meio de alcançar a felicidade.

A ética Objetivista orgulhosamente advoga e defende o egoísmo racional – que significa: os valores exigidos pela sobrevivência do homem enquanto homem – ou seja, os valores exigidos pela vida humana – não são os valores produzidos pelos desejos, emoções e “aspirações”. (RAND, 1991, p. 42)

Os sentimentos, os caprichos ou as necessidades de brutamontes irracionais, que nunca superaram a prática primordial dos sacrifícios humanos, que nunca descobriram uma sociedade industrial e não podem conceber nenhum auto-interesse, exceto aquele de aproveitar-se do saque da ocasião, são valores destrutivos à sobrevivência do homem.

Ayn Rand (1991) explica que a ética Objetivista sustenta que o bem humano não requer sacrifício e não pode ser alcançado pelo sacrifício de ninguém; sustenta que os interesses racionais dos homens não se chocam – que não há conflito de interesses entre homens que não desejam o imerecido, que não fazem sacrifícios, nem os aceitam, que se tratam entre si como comerciantes, trocando valor por valor. O princípio da troca é o único princípio ético racional para todos os relacionamentos humanos, pessoais e sociais, particulares e públicos, espirituais e materiais. É o princípio de justiça.

Um negociante é um homem que merece aquilo que adquire e não dá, nem toma, aquilo que não é merecido. Ele não trata os homens como senhores ou escravos, mas como pessoas iguais e independentes. Ele trata com os homens por meio de uma troca livre, voluntária, não-forçada e não-coagida – uma troca que beneficia ambas as partes por seu próprio julgamento independente. (RAND, 1991, p. 42)

Em questões espirituais – (por “espiritual”, Ayn Rand quer dizer: “pertencente à consciência do homem”) – a moeda ou o meio de troca é diferente, porém o princípio é o mesmo. Amor, amizade, respeito, admiração são a resposta emocional de um homem às virtudes de outro, o pagamento espiritual dado em troca do prazer pessoal egoísta que um homem tira das virtudes de caráter de outro. Para Rand (1991), em questões espirituais, um negociante é um homem que não procura ser amado por suas fraquezas ou fracassos, apenas por suas virtudes, e que não troca o seu amor pelas

fraquezas ou fracassos de outros, mas apenas pelas suas virtudes.

Amar é dar valor. Somente um homem racionalmente egoísta, um homem que se auto-estima, é capaz de amar – porque é o único homem capaz de manter valores firmes, consistentes, descompromissados e não-traídos. O homem que não valoriza a si mesmo, não pode valorizar ninguém ou nada. É somente com base no egoísmo racional – com base na justiça – que os homens podem ajustar-se para viver juntos numa sociedade livre, pacífica, próspera, benevolente e racional. (RAND, 1991, p. 43)

Conforme Rand, há dois grandes valores a serem ganhos com a vida em sociedade: conhecimento e comércio. O homem é a única espécie que pode transmitir e expandir o seu estoque de conhecimento de geração para geração; o conhecimento potencialmente disponível a um homem é maior do que aquele que ele seria capaz de adquirir em toda a sua vida; cada homem beneficia-se incalculavelmente pelas descobertas de outros.

O segundo grande benefício é a divisão do trabalho: ela capacita o homem a dedicar o seu esforço a um campo de trabalho em particular e a negociar com outros que se especializaram em outros campos. Essa forma de cooperação permite a todos os homens que tomam parte nele, deter mais conhecimento, habilidade e retorno produtivo pelos seus esforços do que poderiam alcançar se cada um tivesse de produzir tudo do que precisasse numa ilha deserta ou numa fazenda que se auto-sustentasse.

Mas estes verdadeiros benefícios indicam, delimitam e definem que tipo de homens podem ser de valor e em que tipo de sociedade: somente homens racionais, produtivos e independentes numa sociedade racional produtiva e livre. A filósofa deixa claro os tipos de homens não beneficiados através da citação abaixo:

Parasitas, vagabundos, saqueadores, brutamontes, facínoras não são de nenhum valor para o ser humano – nem podem obter nenhum benefício de vida numa sociedade engendrada para suas necessidades, exigências e proteção, uma sociedade que os trata como animais de sacrifício e os penaliza por suas virtudes a fim de recompensá-los por seus vícios, o que significa: uma sociedade baseada na ética do altruísmo. Nenhuma sociedade pode ter valor para a vida do homem, se o preço é a renúncia do direito à vida. (RAND, 1991, p. 44)

O princípio político básico da ética Objetivista é: nenhum homem pode iniciar o uso de força física contra os outros. Nenhum homem – ou grupo, ou sociedade, ou governo – possui o direito de assumir o papel de um criminoso e começar a utilização da compulsão física contra qualquer homem. Os homens têm o direito de usar a força física apenas em retaliação e apenas contra aqueles que iniciam o seu uso. “O princípio ético envolvido é simples e bem definido: é a diferença entre assassinato e legítima defesa” (RAND, 1991, p. 44). O princípio é: nenhum homem pode obter qualquer valor de outro recorrendo à força física.

Para a filósofa, o único propósito moral adequado de um governo é proteger os direitos do homem, o que significa: protegê-lo da violência física – proteger o seu direito à sua própria vida, a sua própria liberdade, a sua própria propriedade e a busca de sua própria felicidade. Sem os direitos de propriedade, nenhum outro é possível. Cada sistema político é baseado em e originado de uma teoria ética – e a ética Objetivista é a base moral exigida pelo Capitalismo. Rand explica:

Quando digo “capitalismo”, quero dizer um capitalismo completo, puro, não-controlado e desregulamentado do tipo *laissez-faire* – com uma separação entre Estado e economia, da mesma maneira e pelas mesmas razões da separação do Estado e da igreja. Um sistema puro de capitalismo jamais existiu, nem mesmo na América; vários

graus de controle governamental o estavam boicotando e distorcendo desde o seu início. O capitalismo não é um sistema do passado; é o sistema do futuro – se a espécie humana tiver um futuro. (RAND, 1991, p. 45).

Ayn Rand defende que a ética Objetivista é a moralidade da vida e que as três escolas principais de teoria ética, a mística, a social e a subjetiva representam a moralidade da morte. Essas três escolas diferem apenas em seu método de abordagem, não em conteúdo. Em conteúdo, são simplesmente variantes do altruísmo, que para Rand é a teoria ética que considera o homem como um animal de sacrifício; a teoria que assegura que este homem não tem o direito de existir para o seu próprio interesse, que servir aos outros é a única justificativa de sua existência, e que o auto-sacrifício são o seu valor, virtude e dever morais mais altos. As diferenças se verificam apenas sobre a pergunta de quem deve ser sacrificado a favor de quem.

O altruísmo sustenta a morte como seu objetivo último e critério de valor – e é lógico que a renúncia, resignação, auto-rejeição e qualquer outra forma de sofrimento, incluindo autodestruição, são as virtudes que defende. E, obviamente, estas são as únicas coisas que os profissionais do altruísmo têm alcançado e estão conseguindo agora. (RAND, 1991, p. 45)

Sob o viés do Objetivismo, a teoria mística da ética é baseada na premissa de que o modelo ético de valor é estabelecido além-túmulo pelas leis ou exigência de uma outra dimensão sobrenatural, que é impossível ao homem praticar a ética, que ela é inconveniente e oposta à vida do homem na Terra, e que o homem deve levar a culpa por isso e sofrer através de toda a sua existência terrestre, e expiar pela culpa de ser incapaz de praticar o impraticável. “A Idade das Trevas e a Idade Média são um monumento real a esta teoria da ética.” (RAND, 1991, p. 46)

A teoria social da ética substituiu Deus pela “sociedade” – e, apesar de afirmar que o seu principal interesse é a vida na Terra, não é a vida do homem, não a de um indivíduo, mas a vida de uma entidade sem corpo, o coletivo, que, em relação a cada indivíduo, consiste de todos, exceto dele próprio. No que diz respeito ao indivíduo, o seu dever ético é ser o escravo abnegado, sem direitos e destituído de voz, de qualquer necessidade, reivindicação ou exigência declaradas pelos outros. O lema “cada um por si” – que não é aplicável ao capitalismo, – é aplicável à teoria social da ética. “Os monumentos reais a esta teoria são a da Alemanha Nazista e a Rússia Soviética.” (RAND, 1991, p. 46)

A teoria subjetiva da ética é, no sentido escrito da palavra, não uma teoria, mas uma negação da ética. E mais: é a negação da realidade, não simplesmente da existência do homem, mas de todas as existências. Apenas o conceito de um universo heracliteano, indeterminado, fluido e plástico poderia permitir a alguém pensar ou pregar que o homem não precisa de princípios objetivos de ação – que a realidade lhe dá um cheque em branco – que nada que ele escolha como o bem ou mal, lhe servirá – que o capricho de um homem é um padrão moral válido e que a única pergunta é como obter sucesso com isto. “O monumento real desta teoria é o estado atual de nossa cultura.” (RAND, 1991, p. 46)

Segundo Ayn Rand, não é a imoralidade dos homens que é responsável pelo colapso que agora ameaça destruir o mundo civilizado, mas o tipo de moralidade que os homens têm sido incitados a praticar. “É a filosofia que estabelece os objetivos dos homens e determina o seu rumo; é apenas a filosofia que pode salvá-los agora.” (RAND, 1991, p. 47). Para Rand, o mundo está enfrentado uma escolha: se a civilização deve sobreviver, é a moralidade altruísta que os homens precisam rejeitar.

3.4 O Atual Movimento Objetivista

Nos últimos 50 anos, o Objetivismo tem trabalhado para tornar-se acessível à maioria da população americana através de diversos meios como, por exemplo, documentários, publicações de livros sobre as suas teorias, bolsas de investigação integradas com grandes universidades, entre outros.

Há uma organização profissional de filósofos, chamada Ayn Rand Society, destinada a promover uma maior compreensão do seu trabalho para os filósofos contemporâneos. Concursos de redação sobre o tema dos romances de Ayn Rand atraí dezenas de milhares de alunos do ensino médio todos os anos. Hoje, intelectuais Objetivistas aparecem regularmente na televisão e no rádio, especialmente o Dr. Yaron Brook, diretor-executivo do Ayn Rand Institute. Ensaios elaborados por escritores Objetivistas aparecem nos principais jornais do país. O United States Postal Service já emitiu um selo comemorativo de Ayn Rand. Em 1991, uma pesquisa da Biblioteca do Congresso juntamente com a empresa Book of the Month Club mostrou que *Atlas Shrugged* era o segundo livro mais influente na América, perdendo apenas para a Bíblia.

A criação do Ayn Rand Institute (ARI), na Califórnia, em 1985, foi um grande passo na ascensão do Objetivismo. Agora havia uma organização de intelectuais Objetivistas dedicados a incutir no sistema educacional americano os livros e as ideias de Ayn Rand. ARI patrocina os referidos concursos de redação do ensino médio, distribui centenas de milhares de cópias de romances de Ayn Rand para professores nos Estados Unidos e Canadá para usar em seus cursos, e envia os seus intelectuais nas aulas de ensino médio para discutir os livros e as ideias.

ARI também opera o Objectivist Academic Center (OAC), que oferece cursos em Objetivismo, escrita e outros

temas intelectuais para jovens pensadores Objetivistas através das universidades. A organização também oferece apoio aos estudantes universitários que formam clubes nos campi para estudar a filosofia de Ayn Rand, enviando literatura e aulas em vídeo. Além disso, o OAC administra um bureau de intelectuais que falam sobre filosofia, literatura e política de um alto-falante. Recentemente, ARI abriu o Ayn Rand Center para os direitos individuais em Washington no intuito de fazer campanha pela liberdade político-econômica na capital da nação americana. Outras organizações menores e menos proeminentes influenciadas por Ayn Rand também trabalham para promover os seus livros e ideias no sistema educacional e na cultura ocidental de forma mais ampla.

Segundo Bernstein, existe uma intensa oposição ao movimento Objetivista. Muitos professores, críticos e outros especialistas em humanidades, consideram Ayn Rand uma ninguém – uma praga insignificante ou uma louca – ou uma má influência na vida dos seus leitores desavisados. Bernstein (2009, p.9) cita: “Eles frequentemente afirmam que *Atlas Shrugged*, como romance, é muito longo, enfadonho e é mais um mero palanque para jorrar ideias do que uma obra literária, ou apenas uma enciclopédia cheia de filosofia falsa e perigosa.”

Curiosamente, os professores especialistas no campo da literatura, tanto de colégios como de universidades dos Estados Unidos, em geral, mostram interesse nos romances de Ayn Rand. Já nos departamentos de filosofia das universidades americanas esta situação não é tão extrema. Como já mencionado, um número crescente de professores e universidades estão mostrando interesse no ensino e na pesquisa das ideias filosóficas de Ayn Rand. Ainda assim, a esmagadora maioria dos professores de filosofia da América são indiferentes ou hostis às teorias de Rand. Ela é considerada uma figura indigna de um estudo sério.

No entanto, nos últimos cinquenta a sessenta anos, os romances de Ayn Rand foram profundamente enraizados

na sociedade americana e na cultura intelectual. Um número crescente de futuros professores e intelectuais da América estão os lendo e sendo influenciados positivamente por eles. À medida que os anos passam, a geração mais velha de professores norte-americanos e intelectuais que são indiferentes ou hostis às ideias de Ayn Rand envelhecerá e se aposentará. Eles serão substituídos por homens e mulheres mais jovens, muitos dos quais reconhecem o valor de Rand. Isto é como, eventualmente, ideias são introduzidas em uma cultura dominante. Como o economista Henry Hazlitt observou certa vez: “Reason is slow yeast but it brews incessantly.” – *A razão é um fermento lento, mas fabrica incessantemente.*

Bernstein (2009) acredita que o prognóstico do movimento Objetivista para o século XXI é bom, pois pesquisas feitas em 2007 e 2008 pelo pesquisador John Zogby mostram que 8% dos entrevistados e mais de 17% dos diplomados universitários americanos leram *Atlas Shrugged*. Bernstein ressalta que mesmo com o declínio geral do sistema educacional americano, estes números tendem a aumentar nos próximos anos. Embora o processo pode ser lento e tortuoso, os americanos e o resto do mundo serão cada vez mais impactados pela mensagem de Ayn Rand.

4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão Objetivista é fundamentada na lógica e na razão, e estas são as suas principais bases para argumentação. Por usar estas bases, as suas teorias e ideias são bastante intuitivas e facilmente compreensíveis. Isso, levando em conta, os indivíduos que se propõem a entender o que está sendo dito, despidendo-se de quaisquer opiniões e preconceitos (religiosos, políticos, culturais, etc.).

A razão é o meio básico de sobrevivência do ser humano. Mas o seu exercício depende da escolha de cada indivíduo. O nosso “livre arbítrio” é a liberdade da mente escolher pensar ou não. E esta é a escolha que controla todas as outras que faz e determina a vida e caráter de cada indivíduo. No discurso de Ayn Rand vemos que a racionalidade é a principal virtude do homem. A razão é o juízo de valor adequado e somente ela é apropriada para guiar a ação.

Cada homem é um fim em si mesmo, não é um meio para os fins dos outros; ele deve viver em benefício próprio, nem sacrificar-se por outros, nem sacrificar outros em prol de si mesmo; ele deve trabalhar para o seu auto-interesse

racional, com a realização de sua própria felicidade como o maior propósito moral de sua vida. A partir disto é importante notar a concepção diferenciada que o Objetivismo tem de egoísmo.

Além de nem sempre ser o vilão, o egoísmo como auto-interesse racional é essencial em uma sociedade bem fundamentada, já que funciona como principal combustível para a busca de uma evolução técnica, artística e cultural. Ele não exclui o altruísmo, pois muitas ações altruístas, mesmo que inconscientemente, recebem em troca do que estão oferecendo um sentimento de bem-estar ao realizar esta ação. Os homens devem trocar valores por livre consentimento e para benefício mútuo, sendo assim o altruísmo pode ser feito desde que seja pela vontade própria do indivíduo, nunca como uma obrigação imposta por um Estado ou cultura.

Quanto à política, o Objetivismo tem uma visão bem diferente da ideologia esquerdista que vigora em nosso país, onde é plenamente aceito que indivíduos ambicionem uma vida sem empenho, recorrendo sempre ao paternalismo – este outorgado e incentivado pelo nosso governo – para viver à custa dos esforços dos mais capazes.

Uma das características mais interessantes do Objetivismo é a sua ideia de igualdade. Para Ayn Rand, a igualdade é restrita a direitos e de deveres perante a justiça. Uma sociedade em que todos são iguais seria injusta com os indivíduos mais capazes e que mais produzem. Estes devem ser mais valorizados, pois são os responsáveis por fazer o mundo evoluir. A sociedade, de nenhuma maneira, poderia pressionar que os mais capazes carreguem os medíocres alegando que isso é o certo a se fazer.

O indivíduo mais capaz sofre tanto quanto ou até mais do que os menos capazes, isso porque pesa em seus ombros o peso do mundo – decisões importantes, trabalhos bem feitos, empresas lideradas, etc. Tudo para que o mundo, a sociedade, continue funcionando da melhor maneira

possível. Conforme a ideia de Ayn Rand, para compensar este ônus, os mais capazes devem ser recompensados à altura, o que é visto como injusto pelos mediócrs, que não compreendem que a sua função na sociedade exige menos esforço, o que os leva a achar a recompensa dos mais capazes injusta. Apesar da grande possibilidade dos mediócrs não aguentarem o peso do ônus de ser um *aristoi* da sociedade, eles sempre almejam o bônus desta posição.

O trabalho de Ayn Rand continua sendo moderno por dialogar com problemas atuais nas esferas culturais e políticas de diversos países, como o Brasil. Além dos livros e das adaptações cinematográficas, em 2004 foi criado o jogo Bioshock. Ele foi um sucesso de crítica e possui alta influência do Objetivismo, inclusive com um dos personagens principais chamado de Adrian Ryan, cujo nome é propositadamente uma espécie de anagrama para “Ayn Rand”. Espero que o Objetivismo mantenha-se sempre presente e apresentando-se de diversas maneiras para continuar polemizando e contrapondo as visões que carecem de uma racionalidade e uma lógica.

REFERÊNCIAS

ARI - Ayn Rand Institute. **Ayn Rand's Fiction.**

Disponível em:

<http://www.aynrand.org/site/PageServer?pagename=objactivism_fiction>. Acesso em: 20 setembro 2013.

ARI - Ayn Rand Institute. **Ayn Rand's Nonfiction.**

Disponível em:

<http://www.aynrand.org/site/PageServer?pagename=objactivism_nonfiction>. Acesso em: 20 setembro 2013.

ARI - Ayn Rand Institute. **Essays & Articles.** Disponível em:

<http://www.aynrand.org/site/PageServer?pagename=objactivism_advessays> Acesso em: 20 setembro 2013.

BERNSTEIN, Andrew. **Ayn Rand for Beginners.** Danbury, CT: Random House, 2009. 112p. For Beginners

HELLER, Anne C. **Ayn Rand and the World She Made.** New York: Knopf Doubleday Publishing Group, 2009. 368p.

RAND, Ayn. **A Virtude do Egoísmo.** Porto Alegre: Editora Ortiz, 1991.

RAND, Ayn. **A Revolta de Atlas.** Rio de Janeiro: Sextante, 2010.